

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA POLITÉCNICA E DE ARTES
GRADUAÇÃO EM DESIGN



**WARI KUXU: UM ENSAIO ILUSTRATIVO DA DIVERSIDADE CULTURAL
DOS POVOS ORIGINÁRIOS BRASILEIROS ALÉM DOS ESTERIÓTIPOS**

PEDRO CARLOS DA SILVA DUTRA

GOIÂNIA
2023

PEDRO CARLOS DA SILVA DUTRA

**ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS: UM ENSAIO ILUSTRATIVO SOBRE A
RIQUEZA CULTURAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS BRASILEIROS.**

Monografia e Projeto apresentados ao
Curso de Design da Escola Politécnica da
Universidade Católica de Goiás, para a
obtenção do grau de Bacharel em Design.
Orientador: Marcos Costa de Freitas.
Banca Examinadora: Profa. Lorena
Dall'ara Guimarães. Prof. Marcos Costa de
Freitas. Prof. Maurício dos Santos Azeredo

GOIÂNIA
2023

RESUMO

A história dos povos originários do Brasil é rica, porém pouco conhecida, havendo o costume de referir-se aos indígenas como uma única etnia, utilizando frequentemente a palavra "índios", carregada de preconceitos. Diante disso, o objetivo da pesquisa é um ensaio com uma abordagem visual que possa promover o combate ao estereótipo construído em torno da imagem e cultura dos povos indígenas do Brasil, promovendo a valorização e o conhecimento dessas culturas. Destaca-se a existência de mais de 305 povos indígenas no país, com 274 línguas distintas e costumes peculiares. A relativa invisibilidade desses povos é resultado de estereótipos e imagens distorcidas criadas ao longo do tempo. O trabalho analisa a construção da imagem dos indígenas, destacando a visão eurocêntrica e estereotipada que prevaleceu desde o período colonial. Propõe-se um recorte sobre a imagem e identidade dos povos originários, rompendo com estereótipos e preconceitos, apresentando de forma autêntica e respeitosa as práticas, tradições e símbolos indígenas. O produto é direcionado principalmente a estudantes do ensino médio e superior, visando ampliar a compreensão e o respeito pela diversidade cultural brasileira. Autores como William e Gallois contribuem para essa discussão, ressaltando o papel da imagem na valorização dos povos indígenas e na promoção do respeito às suas tradições. O trabalho utiliza a linguagem visual como forma de comunicação eficiente e atrativa, superando a visão reducionista presente nos livros didáticos e promovendo uma compreensão mais ampla da cultura indígena. Busca-se também contribuir para a disseminação de informações verossímeis sobre os povos indígenas, promovendo a valorização e preservação de suas culturas. A abordagem visual escolhida tem o objetivo de comunicar de forma eficiente, alcançando um público mais amplo.

Palavras-chave: Povos indígenas do Brasil. Abordagem visual. Preservação cultural.

ABSTRACT

The history of indigenous peoples in Brazil is rich, yet little known, with a common practice of referring to them as a single ethnicity and frequently using the word "índios" (Indians), laden with prejudice. The objective of this research is to create an essay with a visual approach that can promote the combat against the stereotype constructed around the image and culture of indigenous peoples in Brazil, fostering the appreciation and understanding of these cultures. It is important to highlight the existence of over 305 indigenous peoples in the country, with 274 distinct languages and unique customs. The relative invisibility of these peoples is a result of stereotypes and distorted images that have been created over time. The work analyzes the construction of the indigenous image, emphasizing the Eurocentric and stereotypical perspective that has prevailed since the colonial period. It proposes a focused examination of the image and identity of indigenous peoples, breaking stereotypes and prejudices, presenting indigenous practices, traditions, and symbols in an authentic and respectful manner. The product is primarily aimed at high school and college students, with the aim of expanding their understanding and respect for Brazilian cultural diversity. Authors such as William and Gallois contribute to this discussion by highlighting the role of the image in valuing indigenous peoples and promoting respect for their traditions. The work utilizes visual language as an efficient and engaging form of communication, surpassing the reductionist view often found in textbooks, and promoting a broader understanding of indigenous culture. It also seeks to contribute to the dissemination of accurate information about indigenous peoples, promoting the appreciation and preservation of their cultures. The chosen visual approach aims to communicate effectively, reaching a wider audience.

Keywords: Indigenous peoples of Brazil. Visual approach. Cultural preservation.

PEDRO CARLOS DA SILVA DUTRA

**ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS: UM ENSAIO ILUSTRATIVO SOBRE A RI-
QUEZA CULTURAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS BRASILEIROS**

Data de defesa: 16 de junho de 2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Marcos Costa de Freitas

Nota

Examinadora Convidada: Profa. Lorena Dall'ara Guimarães

Nota

Examinador Convidado: Prof. Maurício dos Santos Azeredo

Nota

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Índia etnia Kayapó.....	22
Figura 2: Mãe e filha etnia Kayapó.....	23
Figura 3: Criança etnia Kayapó.....	24
Figura 4: Kayapó woman, Chapada dos Veadeiros, Brazil	25
Figura 5: grupo de indígenas Mebêngôkre-Kayapós do Pará	26
Figura 6: Indígena Mebêngôkre.	27
Figura 7: Menire djê.	28
Figura 8: Yawalapiti Séance de peintures corporelles avec du rocou Yawalapiti Parc du Xingu - Mato Grosso Brésil	30
Figura 9: KUIKURO Yawalapiti Séance de peintures corporelles avec du rocou Yawalapiti Parc du Xingu - Mato Grosso Brésil.....	31
Figura 10: Yawalapiti. Aldeia Tuatuari Parc du Xingu Mato Grosso. Brésil	32
Figura 11: Indígenas Yawalapiti em celebração.....	33
Figura 12: YAWALAPITI Rite du Kuarup ou Kwarup Yawalapiti Parc du Xingu. Mato Grosso.....	34
Figura 13: Coiffe tucanape Joueur de flûte Wupu marquant une courte pose dans une case. Yawalapiti - village de Tuatuari. Parc du Xingu - Mato Grosso. Brésil	35
Figura 14: Homem Yawalapiti.	36
Figura 15: Índio Matis. Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985.	38
Figura 16: Índio Matis. Igarapé Boeiro, rio Ituí, Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985.	39
Figura 17: Índio Matis.....	40
Figura 18: Índio Matis usando máscara (Mariwin, espírito). Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985.....	41
Figura 19: Índia Matis preparando bebida fermentada de milho.	42
Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985.	42
Figura 20: Índio Matis - espírito Mariwin vermelho em pose ameaçadora.	43

Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985.	43
Figura 21: <i>Amazon tribal zombies</i> . Foto: Desconhecido	44
Figura 22: Laboratório de tratamento de imagem.....	48
Figura 23: fotografia e livros do Laboratório de tratamento de imagem.....	49
Figura 24: Livros do Laboratório de tratamento de imagem.....	50
Figura 25: Outra vista do Laboratório de tratamento de imagem.....	51
Figura 26: Odeni pesquisando fotografias para sua pesquisa de TCC	52
Figura 27: Rolos de filme do Acervo do IGPA.....	53
Figura 28: Marcos e Frederico no Acervo de filmes e gravações do IPGA.....	54
Figura 29: Marcos e Frederico no Acervo de filmes e gravações do IPGA	55
Figura 30: Acervo de fitas de gravação em áudio do IGPA.....	56
Figura 31: Frederico abrindo maleta com algumas máquinas de filmagem.....	57
Figura 32: Frederico abrindo maleta com algumas máquinas de filmagem.....	58
Figura 33: Mais algumas máquinas de filmagem.....	59
Figura 34: Outros equipamentos sendo mostrados.....	60
Figura 35: Máquina de filmagem.....	61
Figura 36: Flechas indígenas.	62

SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRACT	4
LISTA DE FIGURAS	6
SUMÁRIO	7
1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Delimitação do Tema	9
1.2 Justificativa	10
1.3 O vínculo com o design	12
1.4 Objetivos	12
1.4.1 Objetivo Direto	12
1.4.2 Objetivos indiretos	13
1.5 Procedimentos Metodológicos	13
1.5.1 A abordagem	14
1.5.2 O método	14
1.6 A influência da imagem no meio social	15
1.7 A importância da representação visual	16
2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA - PARTE I	18
2.1 Apropriação cultural dos povos indígenas brasileiros	18
2.1.1 Os processos da invisibilização dos povos originários	19
2.2 Povos mebêngôkre	21
2.2.1 Apresentação	21
2.2.2 Levantamento de dados da iconografia	28
2.3 Povos yawalapiti	29
2.3.1 Apresentação	29
2.3.2 Levantamento de dados da iconografia	37
2.4 Povos matis	38
2.4.1 Apresentação	38
2.4.2 Levantamento de dados da iconografia	45
2.5 Projeto Kaiwas: Uma iniciativa de representividade cultural	45
2.6 Relatório da Visita Técnica ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA)	46
3. PROJETO — PARTE II	63
3.1 Ensaio iniciais — testes e considerações	64

3.1.1 Tratamento visual das ilustrações	68
3.1.2 Cores e composição.....	72
3.1.3 Finalização em alta resolução.....	76
3.2 Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados	77
3.2.1 Povos Mebêngôkre	77
3.2.2 Povos Yawlapitis	78
3.2.3 Povos matis.....	79
3.3 Projeto editorial	89
3.3.1 Organização dos elementos — imagens e texto.....	90
3.3.2 Formatos e parâmetros do objeto editorial.....	96
3.3.3 Design e diagramação	98
3.3.4 Publicação.....	114
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
REFERÊNCIAS	160

1 INTRODUÇÃO

1.1 Delimitação do Tema

A história dos povos originários do Brasil é riquíssima, porém pouco conhecida. Fala-se muito dos povos originários, No entanto, é frequente o costume de referir-se aos indígenas como se fossem uma única etnia, quase sempre utilizando a palavra "índios", que é carregada de preconceitos. A diversidade está muito bem documentada, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, existem mais de 305 povos indígenas no Brasil, totalizando 896.917 pessoas, sendo 324.834 vivendo em áreas urbanas e 572.083 em áreas rurais (ISA, 2022). Esses povos possuem 274 línguas distintas e suas culturas, hábitos e costumes são peculiares, constituindo um tesouro imaterial pouco conhecido pelos brasileiros.

Apesar dos avanços dos estudos e conquistas, a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil ainda é uma consequência de vários fatores, destacando-se dois deles: estereótipo e imagem, que criaram na forma de representações distorcidas. As primeiras representações dos povos indígenas no Brasil são conhecidas desde o século XVI, após o processo de contato com esses povos. Na atualidade a construção da imagem dos indígenas precisa ser analisada levando em consideração os mitos iconográficos colonialistas, como a visão de paraíso criada imaginários em relação ao novo mundo e os mistérios que o envolviam. A chegada de Cabral ao território brasileiro gerou um sentimento de estranhamento. Pode-se afirmar que o medo do desconhecido foi vencido pela curiosidade do novo.

Dizemos com isto que havia uma construção "Edênica" do que seria este paraíso inocente, reafirmado através da nudez indígena (uma das maiores marcas da ausência de malícia e pudor na concepção europeia) (LESSA, 2016, p.10).

A imagem possui um enorme poder de mobilizar o imaginário de uma sociedade, e nesse sentido, a perspectiva do homem europeu branco foi o ponto de partida para a narrativa imagética que aprendemos sobre os povos indígenas brasileiros. Assim, a partir da imagem, construiu-se um estereótipo em que o indígena é retratado como alguém vestido com penas e cocar, portando flecha e tacape, vivendo em oca, liderado por um

cacique, plantando e consumindo mandioca, vivendo "preguiçosamente" em suas aldeias à beira de rios. Dessa forma, a imagem foi distorcida, e a cada 19 de abril, após uma breve menção aos "índios" nos livros de história, no capítulo pertinente ao "Descobrimento do Brasil", nada mais é mencionado, perpetuando uma visão injusta e reducionista (Vieira, O índio para além dos estereótipos dos livros de história).

Portanto, podemos observar um cenário atual em que nossa perspectiva, enquanto sociedade civilizada, estabelece desde cedo uma imagem negativa e indiferente em relação aos povos originários brasileiros. No entanto, nas últimas décadas, os povos indígenas demonstram um grande poder de organização e mobilização por meio do Movimento Indígena. Essa realidade desconcerta a sociedade não indígena, que se depara com a presença de seres historicamente relegados ao passado, que eram retratados como meros coadjuvantes na história do Brasil. A historiografia e os livros didáticos pouco falam sobre eles além do período colonial, contribuindo para uma visão estereotipada em que esses povos são sempre situados no passado. "Basta observar as comemorações do Dia do Índio nas escolas, em que é comum ver crianças com o rosto pintado e usando cocar feito de papel, lembrando que o dia 19 de abril é o Dia do Índio" (RIOS DE JESUS, 2011, p. 7).

Dessa forma, considerando os fatores intervenientes, mas situando a pesquisa de TCC no campo da resistência, propõe-se um recorte sobre a imagem e a identidade dos povos originários. Nos limites de tempo e de alcance da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso, o estudo irá retratar três etnias específicas, utilizando como abordagem um ensaio iconográfico, sem pretensões conclusivas em relação às grandes questões teóricas do tema, mas para chegar a uma publicação editorial.

1.2 Justificativa

A cultura se retrata e se manifesta principalmente pela imagem, por isso o estudo da iconografia do retrato dos povos originários é importante. Autores como William (2019) e Gallois (2006) contribuem para essa discussão, enfatizando o papel da imagem na preservação e valorização do patrimônio cultural indígena.

William (2019), em seu livro "Apropriação cultural", aborda a relevância da imagem como forma de expressão cultural e como meio de combater estereótipos e apropriação indevida das culturas indígenas. O autor argumenta que a imagem desempenha um papel fundamental na representação autêntica e respeitosa das práticas, tradições e símbolos

indígenas. Ao valorizar e promover a imagem autêntica, é possível fortalecer a identidade cultural dos povos indígenas e combater práticas de apropriação cultural e dos estereótipos.

Gallois (2006), em sua contribuição no livro “Povos indígenas e patrimônio cultural imaterial”, destaca a importância de valorizar os patrimônios culturais indígenas, incluindo suas imagens, como forma de preservar a diversidade cultural e promover o respeito às tradições indígenas. A autora enfatiza que as imagens são veículos de transmissão de conhecimentos, histórias e práticas culturais, permitindo a continuidade e a perpetuação das expressões culturais dos povos indígenas ao longo do tempo.

Nesse sentido, compreende-se que a imagem desempenha um papel central na valorização e promoção das culturas, contribuindo para a preservação do patrimônio cultural imaterial. Ao utilizar a imagem de forma adequada, respeitosa e autêntica, é possível promover a compreensão, o diálogo intercultural e a valorização dos povos indígenas.

Portanto, a criação de um livro ilustrado com apelo gráfico é uma solução viável e eficaz do campo do design, para ampliar o alcance do conhecimento sobre a cultura indígena e promover sua valorização. Essa proposta de produto de design permite uma conexão visual atrativa, proporcionando uma experiência acessível e enriquecedora que contribui para a valorização e apreciação da diversidade cultural indígena.

A relevância deste tema para o autor reside na exposição de como a diversidade cultural dos povos nativos brasileiros foi ocultada pelo colonialismo europeu e a influência de culturas estrangeiras, resultando em uma barreira social que levou à ignorância e subestimação da vasta cultura ancestral presente em várias etnias nativo-brasileiras. Além disso, destaca-se a sofisticação e riqueza de cada cultura, incluindo tradições, crenças, rituais, vestimentas e culinária.

No contexto de um curso superior de design, o desenvolvimento de temas dessas pautas podem influenciar e enriquecer outros estudos, pesquisas e a interação dos alunos e da academia como um todo. Isso promove a disseminação de projetos e temas que apoiam e trazem visibilidade para essas etnias, que têm sido frequentemente esquecidas e reduzidas a personagens caricatos e folclóricos. É necessário romper com a abordagem superficial e esporádica, semelhante a uma visita ao zoológico uma vez por ano, buscando entretenimento.

Além disso, a abordagem visual do tema pode agregar novas perspectivas não apenas para os jovens estudantes, mas também para indivíduos que não tiveram acesso

adequado à educação. Segundo dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021), cerca de 35,6% da população brasileira com 25 anos ou mais não concluiu o ensino médio, enquanto aproximadamente 16,5% concluiu o ensino superior. Assim, um produto editorial ilustrado pode e desmistificar crenças, suposições e preconceitos relacionados aos povos originários brasileiros.

1.3 O vínculo com o design

A relação principal do tema com o Design é formada pelo conjunto ilustrativo, que de forma gráfica demonstre a rica cultura, cotidiano e diversidade do protagonista dessa pesquisa, os povos indígenas brasileiros. Esse produto será focado em um público mais jovem que esteja cursando o ensino médio, ou, superior. Sua forma de abordagem como dita anteriormente, é de imagem. Logo, a linguagem usada para se comunicar com o interlocutor na sua grande maioria é visual, sem um aprofundamento textual, ou áudio descritivo. O apelo gráfico foi escolhido para afirmar uma das problemáticas desenvolvidas no trabalho, o estereótipo visual das etnias dos povos originários do Brasil. Exemplos de como esse produto pode ser feito:

Páginas largas com ilustrações por todo o corpo, e pequenas resenhas textuais complementando o visual. A escolha da comunicação em forma visual é fundamentalmente pelo apelo natural que imagens causam no visualizador. A imagem foi usada para atingir onde a palavra falada simplesmente não conseguia alcançar (MONDZAIN, 2003, p. 19).

1. 4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Direto

O objetivo direto deste trabalho é representar a cultura dos povos indígenas do Brasil, com o intuito de promover a valorização e o conhecimento dessas culturas. Dessa forma, buscar se romper com estereótipos e preconceitos, apresentando com autenticidade e respeito as práticas, tradições e símbolos indígenas. O público-alvo são principalmente estudantes do ensino médio e superior, visando ampliar a compreensão e o reconhecimento pela diversidade cultural brasileira. Além disso, busca-se contribuir para a

disseminação de informações precisas sobre os povos indígenas, superando a visão reducionista e superficial presente nos livros didáticos e outras formas de mídia, como o audiovisual. O projeto visa uma alternativa de solucionar de forma educativa a conscientização, incentivando a valorização e a preservação das culturas indígenas.

1.4.2 Objetivos indiretos

A representação icnográfica dos povos originários brasileiros é objeto de investigação nesta pesquisa, que tem como foco central desvincular estereótipos preconceituosos e retrógrados associados a esses povos, e promover uma compreensão mais ampla da diversidade cultural que os caracteriza.

A pesquisa visa mostrar, por meio de ilustrações autênticas, recortes da cultura, etnia e características visuais dos povos indígenas brasileiros, demonstrando sua riqueza e diversidade cultural. Além disso, busca-se romper com o imaginário retrógrado e preconceituoso que associa os indígenas a estereótipos, como o indígena tolo, vestido com tiras de couro e uma pena na cabeça. Para isso, as ilustrações retratarão de forma realista as características de diferentes etnias indígenas em seu cotidiano, ressaltando suas grandes diferenças culturais.

Também, com o intuito do apelo visual, representar com cores, formas e composição visual que instigue o imaginário do indivíduo a entrar no universo dessas culturas originárias, para que não só o físico e material seja visto, mas também os mitos que alicerçam as crenças dos nativos.

Em síntese, a pesquisa busca desmistificar estereótipos, valorizar a diversidade cultural e gerar interesse e engajamento para a cultura indígena brasileira, por meio de uma representação icnográfica autêntica e acessível. O objetivo é promover uma compreensão mais ampla da riqueza cultural dos povos originários, superando visões preconceituosas e contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

1.5 Procedimentos Metodológicos

1.5.1 A abordagem

Como abordar um tema tão amplo e, simultaneamente, valorizar e tratar com dignidade o recorte da pesquisa? Encontrar a abordagem é essencial, dessa forma, "mediante nossa capacidade de reconstituição simbólica dos dados de nossa experiência, apreendemos os nexos pelos quais os objetos manifestam sentidos para nós, sujeitos cognoscentes" (SEVERINO, 2007, p.24). Severino estende sua crítica à prática em que o pesquisador lida com o conhecimento sem construí-lo efetivamente. Assim, o conhecimento é tratado equivocadamente como se fosse um produto, enquanto deveria ser tratado e trabalhado enquanto processo (SEVERINO, 2007).

Nessa abordagem vamos investigar as representações dos povos originários, e a partir de ensaios estéticos visuais desenvolvidos nesse contextos, pretende-se explorar novas visualidades dos indígenas brasileiros. Nessa perspectiva a reconstrução do simbólico é a tática para indagar e investigar o tema.

1.5.2 O método

A presente pesquisa tem como proposta principal desenvolver ensaios autorais que visam desconstruir estereótipos e imagens preconceituosas dos povos indígenas brasileiros. Para isso, adota-se um método indutivo como base de investigação, caracterizado por um processo mental que parte de fatos particulares e comprovados para chegar a conclusões gerais. A utilização desse método é apropriada para alcançar os objetivos propostos no projeto.

Nesse contexto, é fundamental estabelecer alicerces sólidos, baseados em fontes verídicas e relatos factuais da cultura e vivência dos povos indígenas, a fim de proporcionar uma resposta coerente aos problemas identificados. Evita-se, assim, o uso de interpretações pessoais e adaptações visuais que perpetuem os processos históricos que alimentaram estereótipos relacionados aos povos originários brasileiros. A pesquisa bibliográfica e documental emerge como uma ferramenta essencial, possibilitando a obtenção de referências visuais diretas para as ilustrações pretendidas, ao mesmo tempo que a pesquisa bibliográfica contextualiza o cenário representado.

Adicionalmente, uma abordagem do *Design Thinking* pode ser incorporada ao método, permitindo uma exploração mais ampla dos desafios propostos. Essa abordagem

envolve a aplicação de estratégias de pensamento criativo e solução de problemas, seguindo um processo cíclico de imersão, ideação, prototipagem e testes. Conforme ressaltado por Ellen Lupton em seu livro "Instituição, Ação e Criação", o *Design Thinking* proporciona uma abordagem holística para enfrentar desafios complexos, integrando empatia, experimentação e iteração na busca por soluções inovadoras e contextualmente relevantes.

A pesquisa propõe utilizar o *Design Thinking* como uma ferramenta exploratória de soluções para a produção de um material editorial, que engloba as ilustrações, diagramação e a criação de um produto físico. O *Design Thinking* é um processo criativo e colaborativo que busca abordar desafios complexos por meio de uma abordagem holística, integrando empatia, experimentação e iteração.

Nesse contexto, o ponto de partida consiste em compreender profundamente as necessidades, interesses e características do público-alvo, neste caso, os jovens estudantes. A imersão no contexto educacional e na cultura indígena permite identificar os principais desafios a serem abordados e estabelecer empatia com as experiências dos envolvidos.

A fase de ideação é crucial para gerar uma ampla variedade de conceitos e soluções inovadoras. Por meio de sessões de *brainstorming* e técnicas de pensamento divergente, podem ser exploradas diferentes abordagens visuais, estilos de ilustração e formas de representação que capturem a riqueza e diversidade cultural dos povos indígenas.

1.6 A influência da imagem no meio social

A influência da imagem no meio social e na formação de opinião do indivíduo é um tema relevante e atual, especialmente quando consideramos a representação icnográfica dos povos originários brasileiros. Ao explorar essa questão, é importante levar em conta as reflexões de diversos autores e pesquisadores que abordam a relação entre imagem, cultura e sociedade.

Segundo Alloa (2020) em seu artigo "Levantes: uma paixão latino-americana", a imagem desempenha um papel fundamental na construção e na expressão de identidades coletivas. Por meio de levantes e movimentos sociais, as imagens podem desafiar narrativas dominantes, desconstruir estereótipos e reivindicar a valorização de culturas marginalizadas.

Nesse contexto, a valorização dos patrimônios culturais indígenas, como defendido por Dominique Tilkin Gallois em "Por que valorizar patrimônios culturais indígenas?", torna-se crucial. Reconhecer e promover a diversidade cultural dos povos indígenas contribui para a formação de uma sociedade mais inclusiva e plural.

Contudo, é importante abordar a apropriação cultural, como discutido por Rodney William em seu livro "Apropriação cultural". A representação icnográfica dos povos originários deve ser realizada com cuidado e respeito, evitando a apropriação e a reprodução de estereótipos negativos. É necessário considerar as vozes e perspectivas dos próprios indígenas, garantindo uma representação autêntica e empoderada.

No contexto da pesquisa em artes, Kathleen Coessens destaca a importância da arte como forma de pesquisa. No caso da pesquisa sobre a representação icnográfica dos povos originários, a criação de ilustrações autênticas e a produção de um material editorial podem ser consideradas formas de pesquisa artística, contribuindo para a valorização e o resgate das culturas indígenas.

Quando se trata da metodologia de pesquisa, António Joaquim Severino enfatiza a importância de uma abordagem sistemática e rigorosa. A pesquisa sobre a representação icnográfica dos povos originários brasileiros requer uma metodologia de trabalho científico que inclua a coleta de dados, a análise de fontes e referências, bem como a busca por informações atualizadas e confiáveis.

Por fim, é importante ressaltar a invisibilidade, o silenciamento, a violência e o preconceito enfrentados pelos povos indígenas ao longo da história do Brasil, como mencionado por Zeneide Rios de Jesus em seu artigo "Povos indígenas e história do Brasil". A pesquisa sobre a representação icnográfica dos povos originários deve levar em consideração essas questões históricas e sociais, buscando contribuir para a valorização e a quebra de estereótipos preconceituosos.

Dessa forma, ao investigar como a imagem influencia no meio social e na formação de opinião do indivíduo, é fundamental considerar as perspectivas e contribuições dos autores mencionados, bem como adotar uma abordagem metodológica embasada nas boas práticas de pesquisa científica. Através desse estudo, poderemos compreender melhor o impacto das representações icnográficas dos povos indígenas e buscar promover uma sociedade mais inclusiva, respeitosa e valorizadora da diversidade cultural.

1.7 A importância da representação visual

A importância da representação visual na formação de opinião do indivíduo é amplamente respaldada por estudos e pesquisas acadêmicas. Segundo um estudo realizado por Coessens (2014), as imagens que nos cercam diariamente, presentes na mídia, na publicidade e nas redes sociais, exercem um papel significativo na moldagem de nossa percepção do mundo e das diferentes realidades. Essas representações visuais têm o poder tanto de reforçar ideias e conceitos estabelecidos como de desafiar e desconstruir paradigmas vigentes.

No caso da representação dos povos indígenas, a importância da representação visual é ainda mais relevante. De acordo com Rios de Jesus (2011), os povos indígenas têm sido historicamente marginalizados, estigmatizados e invisibilizados pela sociedade dominante. Suas culturas, tradições e identidades foram frequentemente retratadas de maneira estereotipada, simplificada e exotizada, contribuindo para a perpetuação de narrativas distorcidas e preconceituosas.

No entanto, pesquisas mostram que a representação visual pode desempenhar um papel fundamental na desconstrução desses estereótipos e na promoção de uma visão mais autêntica e respeitosa dos povos indígenas. Gallois (2006) argumenta que ao retratar suas realidades de forma sensível, precisa e inclusiva, as imagens têm o poder de desafiar os estereótipos negativos, ampliar a compreensão da diversidade cultural e contribuir para a valorização e o empoderamento desses povos.

Além disso, é crucial desenvolver uma consciência crítica em relação às imagens que consumimos, a fim de evitar a perpetuação de estereótipos e discriminações. Conforme Alloa (2020), é necessário questionar e analisar de forma reflexiva as representações visuais que nos são apresentadas, buscando compreender suas intenções, influências e possíveis vieses.

A pesquisa científica e a produção de material visual autêntico e inclusivo desempenham um papel crucial nesse processo. De acordo com William (2019), através do estudo, da reflexão e da criação de representações visuais que valorizem a diversidade cultural, é possível contribuir para uma formação de opinião mais consciente, informada e sensível, ampliando nossa compreensão do mundo e promovendo uma sociedade mais justa e igualitária.

Em conclusão, a importância da representação visual na formação de opinião do indivíduo é evidente, especialmente no que diz respeito à representação dos povos

indígenas. Ao reconhecer o impacto das imagens e utilizar referências acadêmicas, como as mencionadas acima, podemos trabalhar em prol de uma representação mais autêntica, inclusiva e respeitosa, fortalecendo o diálogo intercultural, desconstruindo estereótipos e promovendo uma sociedade mais plural e igualitária.

2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA - PARTE I

O projeto foca em analisar e descrever características específicas de três povos originários.

Cada um dos povos têm uma abordagem visual, com foco na sua cultura e estética que caracterizam suas respectivas etnias. Assim, é possível trazer uma visão mais profunda e analítica de cada aspecto que transforma esses povos em culturas únicas, distintas entre si.

O foco do projeto de design é mostrar com clareza a diversidade cultural dos povos indígenas brasileiros. Nisso, a licença poética, releitura e interpretação pessoal não serão ferramentas de construção narrativa para esse projeto. Pois, é importante que todo o conteúdo abordado seja o mais próximo da realidade vivida por esses povos, construindo uma visão imparcial e de cunho documentativo.

A partir disso, os seguintes povos foram escolhidos para serem representados no projeto documental, os mebêngôkre (Kayapó), Matis e o povo Yawalapiti. Cada uma dessas etnias estabelecem uma identidade visual, cultura e costumes que se diferem uma das outras. Dessa forma, a abordagem para cada etnia é analisando diferentes aspectos. Assim, os pontos abordados serão: pintura corporal, ritualística, caça, vestuário, cotidiano e características visuais adversas. É importante ressaltar que, todos esses aspectos citados serão documentados graficamente em forma de ilustração no conteúdo do projeto.

2.1 Apropriação cultural dos povos indígenas brasileiros

A apropriação cultural indígena tem sido um tema relevante no contexto brasileiro, despertando discussões acerca de sua origem histórica e suas implicações culturais e sociais. O artigo “Apropriação Cultural Indígena: Uma Reflexão Necessária” de Jéssica

Souza e Jéssica Soares (2020) traz uma análise aprofundada sobre esse fenômeno, destacando a importância de reconhecer e respeitar as culturas indígenas, bem como a necessidade de combater a apropriação cultural.

Segundo as autoras, a origem histórica da apropriação cultural indígena remonta aos tempos da colonização, em que os povos indígenas foram subjugados e suas culturas foram marginalizadas. Tal contexto de opressão e assimilação forçada contribuiu para a desvalorização e o desrespeito às tradições indígenas, abrindo caminho para a apropriação de elementos culturais pelos colonizadores.

No entanto, as implicações culturais e sociais da apropriação cultural indígena vão além da mera incorporação de elementos estéticos ou simbólicos. As autoras destacam que a apropriação pode reforçar estereótipos, caricaturar e simplificar a complexidade das culturas indígenas, descontextualizando e desvalorizando suas práticas e saberes. Isso contribui para a perda de identidade cultural e para a perpetuação de relações assimétricas de poder entre os povos indígenas e a sociedade dominante.

Dessa forma, o reconhecimento e o respeito às culturas indígenas são fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária. As autoras enfatizam a importância de promover uma reflexão crítica sobre a apropriação cultural indígena e trabalhar para combater essa prática, valorizando e fortalecendo as vozes e os direitos dos povos indígenas. A conscientização e a educação são ferramentas essenciais nesse processo, permitindo a desconstrução de estereótipos e a construção de uma relação mais justa e respeitosa entre as diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira.

2.1.1 Os processos da invisibilização dos povos originários

Desde a chegada dos europeus ao Brasil, as culturas indígenas foram ignoradas ou estigmatizadas. A aparência dos povos indígenas, em especial sua cor de pele e características físicas, foi frequentemente ocultada ou distorcida pela visão europeia. Conforme aponta Rodney William, “a imagem idealizada do indígena que se tinha era a do 'bom selvagem', pintado como alguém de pele clara, olhos azuis e cabelos loiros, uma imagem que não condizia com a realidade dos povos indígenas brasileiros” (WILLIAM, 2015, p. 78).

Nisso, além da aparência física, os costumes e a cultura indígena também foram ocultados pelos europeus. A imposição da cultura europeia e a demonização dos costumes

indígenas levaram à proibição de suas práticas culturais, como a língua, religião, rituais e tradições. Dominique Tilkin Gallois destaca que “os povos indígenas foram forçados a abandonar suas formas de vida tradicionais e a adotar os costumes e a cultura europeia como forma de 'civilização'” (GALLOIS, 2008, p. 102). Essa imposição cultural levou à perda de identidade dos povos indígenas, contribuindo para o ocultamento de suas culturas.

Logo, outro aspecto relevante é a apropriação indevida da identidade indígena pelos europeus. Muitos colonizadores e viajantes europeus se apropriaram indevidamente da identidade indígena, utilizando-a como exotismo em suas narrativas e registros. Conforme aponta Rodney William, “a identidade indígena foi frequentemente usurpada pelos europeus, que a utilizaram para satisfazer suas próprias fantasias e interesses” (WILLIAM, 2015, p. 87). Essa apropriação indevida contribuiu para o ocultamento da verdadeira identidade dos povos indígenas brasileiros.

Hoje em dia, mesmo após séculos de contato com os povos indígenas, a cultura da sociedade civilizada brasileira muitas vezes ainda desconhece a grande diversidade de etnias indígenas presentes no país. Cada povo indígena possui sua própria língua, costumes, tradições e modos de vida únicos, intrinsecamente ligados à sua relação com o meio ambiente e à sua identidade cultural. De acordo com Rodney William, antropólogo e autor de “Povos Indígenas no Brasil: O desafio da diversidade” (2011), “os povos indígenas são detentores de uma vasta gama de conhecimentos e práticas culturais, transmitidos de geração em geração, que constituem um patrimônio imensurável de sabedoria”. Além disso, a cultura indígena influencia diretamente a cultura brasileira em diversos aspectos, como na língua, na culinária, na medicina tradicional e nos conhecimentos ancestrais sobre a natureza.

Dominique Tilkin Gallois, em seu livro “Encontro de Culturas: Os índios e a colonização do Brasil” (1996), destaca que “os povos indígenas têm uma profunda relação de conexão com a natureza e seu modo de vida é uma expressão rica e complexa de sua identidade cultural”. É essencial reconhecer e valorizar a riqueza e complexidade da cultura indígena, respeitando suas diferenças e contribuições para a sociedade brasileira atual.

Ademais, a importância de reconhecer a diversidade cultural dos povos indígenas brasileiros e a influência que suas culturas têm na sociedade brasileira contemporânea. Destaca-se como a cultura indígena está intrinsecamente entrelaçada com a cultura brasileira, especialmente nas áreas de língua, culinária e modo de vida, e a importância de valorizar e respeitar essa riqueza cultural. É uma chamada para uma maior conscientização

sobre a cultura indígena e a necessidade de promover a valorização e preservação dessas culturas, em contraste com o ocultamento histórico perpetrado pelos europeus. Além disso, ressalta a importância do respeito à diversidade cultural em nossa sociedade contemporânea, valorizando e reconhecendo as contribuições dos povos indígenas para a formação da identidade brasileira.

Conforme afirmação de Rodney William (2011) “o conhecimento e a valorização da cultura indígena são fundamentais para uma sociedade mais justa e inclusiva, que reconheça e respeite a diversidade cultural presente em nosso país”. É fundamental que a sociedade brasileira reconheça, respeite e valorize a cultura indígena como parte integrante de sua identidade cultural e história, promovendo a preservação e valorização dessas culturas, em contraposição aos séculos de ocultamento perpetrados pelos europeus. Somente através do reconhecimento e valorização da diversidade cultural dos povos indígenas poderemos construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com a riqueza e complexidade das culturas presentes em nosso país.

2.2 Povos mebêngôkre

2.2.1 Apresentação

Este tópico visa apresentar um estudo sobre os povos Mebêngôkre, também conhecidos como Kayapó, uma das etnias indígenas mais significativas e complexas da Amazônia. Conforme o IBGE, essa população soma cerca de 9.000 indivíduos distribuídos em diversas aldeias no Pará e Mato Grosso. Sua localização geográfica é predominantemente na região norte do Brasil, com destaque para as áreas próximas aos rios Iriri, Fresco e Xingu.

Os Mebêngôkre possuem uma origem ancestral comum, sendo que seu povoamento na região data de aproximadamente 2.000 anos atrás. Sua história é marcada por uma forte resistência à colonização europeia e à exploração dos recursos naturais em suas terras, o que gerou conflitos com fazendeiros, garimpeiros e empresas mineradoras. A luta pela demarcação de suas terras, que culminou na criação da Terra Indígena Kayapó em 1991, é um exemplo da persistência desses povos na defesa de seus direitos e tradições (VERSWIJVER, 2023).

As figuras a seguir (figuras de 1 a 7) representam pessoas dos povos Mebêngôkre.

Figura 1: Índia etnia Kayapó - Foto: RÊ SARMENTO



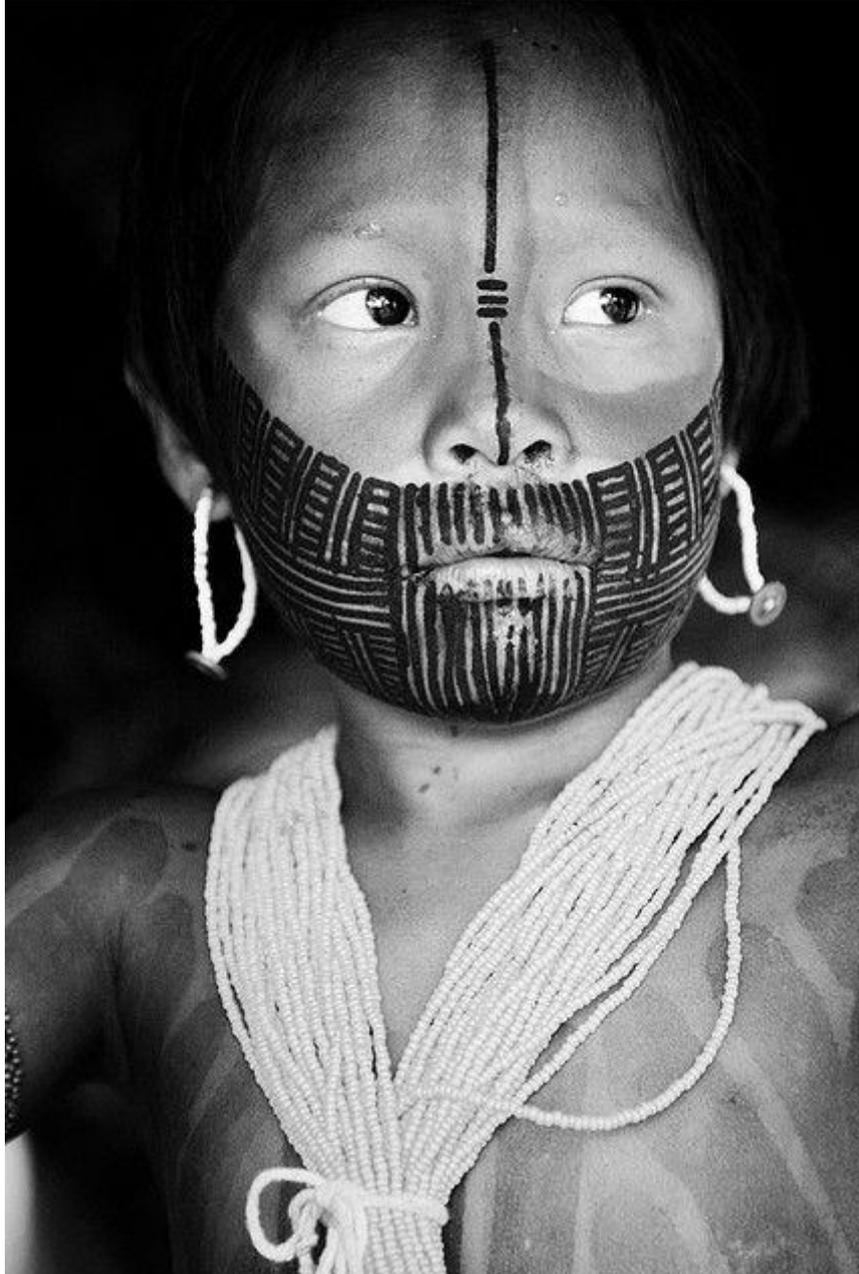
Fonte (link): <https://www.flickr.com/photos/resarmento/7106153087>

Figura 2: Mãe e filha etnia Kayapó - Foto: RÊ SARMENTO



Fonte (link): <https://www.flickr.com/photos/resarmento/6960080510/in/album-72157629517927456/>

Figura 3: Criança etnia Kayapó.



Fonte (link):

<https://www.flickr.com/photos/zengzung/3029987550/in/photostream/>

Figura 4: IMG_9498 Kari-oca 2012 - ÍNDIA KAIAPÓ - Foto: Bettina Boehme



Fonte (link): <https://www.flickr.com/photos/bettinaboehme/7370761982>

Figura 5: grupo de indígenas Mebêngôkre-Kayapós do Pará - Foto: Simone Giovine-
Associação Floresta Protegida



Fonte (link): <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Museu-Paranaense-traz-Curitiba-indigenas-Mebengokre-Kayapos-do-Para>

Figura 6: Indígena Mebêngôkre.



Fonte (link): <http://www.rondonopolis.mt.gov.br/noticias/secult-celebra-dia-internacional-dos-povos-indigenas-com-demonstracao-de-valorizacao-a-aldeia-tadarimana/>

Figura 7: Menire djê.



Fonte (link):

https://www.youtube.com/watch?v=HROuFHSePfM&ab_channel=BepunuMebengokre

2.2.2 Levantamento de dados da iconografia.

A iconografia é uma importante manifestação artística dos Mebêngôkre, que utilizam a pintura corporal como uma forma de expressão cultural e religiosa. A pintura é realizada com pigmentos naturais, como o urucum e a jenipapo, e possui diversos significados simbólicos relacionados à identidade do indivíduo e à sua relação com o meio ambiente e as divindades. Segundo Lux Vidal, artista plástica brasileira que retrata em suas obras a cultura Mebêngôkre, a pintura corporal é uma “arte do corpo” que transcende o simples ato de pintar, ao estar inserida em um contexto cultural muito mais amplo e complexo (VIDAL, 2014, p. 24).

Entre os rituais que envolvem a pintura corporal, destaca-se a Festa da Moça Nova, um importante momento de transição para as mulheres Mebêngôkre. Durante o ritual, as jovens são pintadas com desenhos que representam sua condição de solteira e virgem, sendo conduzidas para um local isolado onde permanecem por um período de reclusão. Após a cerimônia, as mulheres são consideradas adultas e prontas para se casar. De acordo com Lux Vidal, a pintura corporal na Festa da Moça Nova é uma forma de “expressar a transitoriedade e a efemeridade da vida, além de homenagear a ancestralidade” (VIDAL, 2014, p. 26).

Outro importante ritual que envolve a pintura corporal é a Festa da Batata, que celebra a colheita da batata-doce. Durante a festa, os homens são pintados com desenhos que representam sua força e coragem, e realizam danças e cantos em homenagem aos antepassados e aos espíritos da natureza. Para Lux Vidal, a pintura corporal na Festa da Batata é uma “forma de comunicação com o sagrado, uma maneira de manter vivas as tradições e os valores dos Mebêngôkre” (VIDAL, 2014, p. 28).

Em suma, a pintura corporal é uma importante manifestação da cultura Mebêngôkre, que possui diversos significados simbólicos e está inserida em rituais religiosos e festividades. Segundo Lux Vidal, essa pintura é uma forma de expressão artística e cultural que permite aos Mebêngôkre se conectarem com suas tradições e com o sagrado.

2.3 Povos yawalapiti

2.3.1 Apresentação

Os Yawalapiti são um povo indígena brasileiro que vive na região do Alto Xingu, no estado do Mato Grosso (TRONCARELLI E CASTRO, 2023). Segundo dados do IBGE de 2010, a população indígena do Alto Xingu é composta por cerca de 6.500 indivíduos de diversas etnias. Os Yawalapiti têm uma população de aproximadamente 190 pessoas e fazem parte da família linguística Aruak.

As figuras a seguir (figuras de 8 a 14) representam pessoas dos povos Yawalapiti.

Figura 8: Yawalapiti Séance de peintures corporelles avec du rocou Yawalapiti Parc du Xingu - Mato Grosso Brésil - Foto: Serge Guiraud.



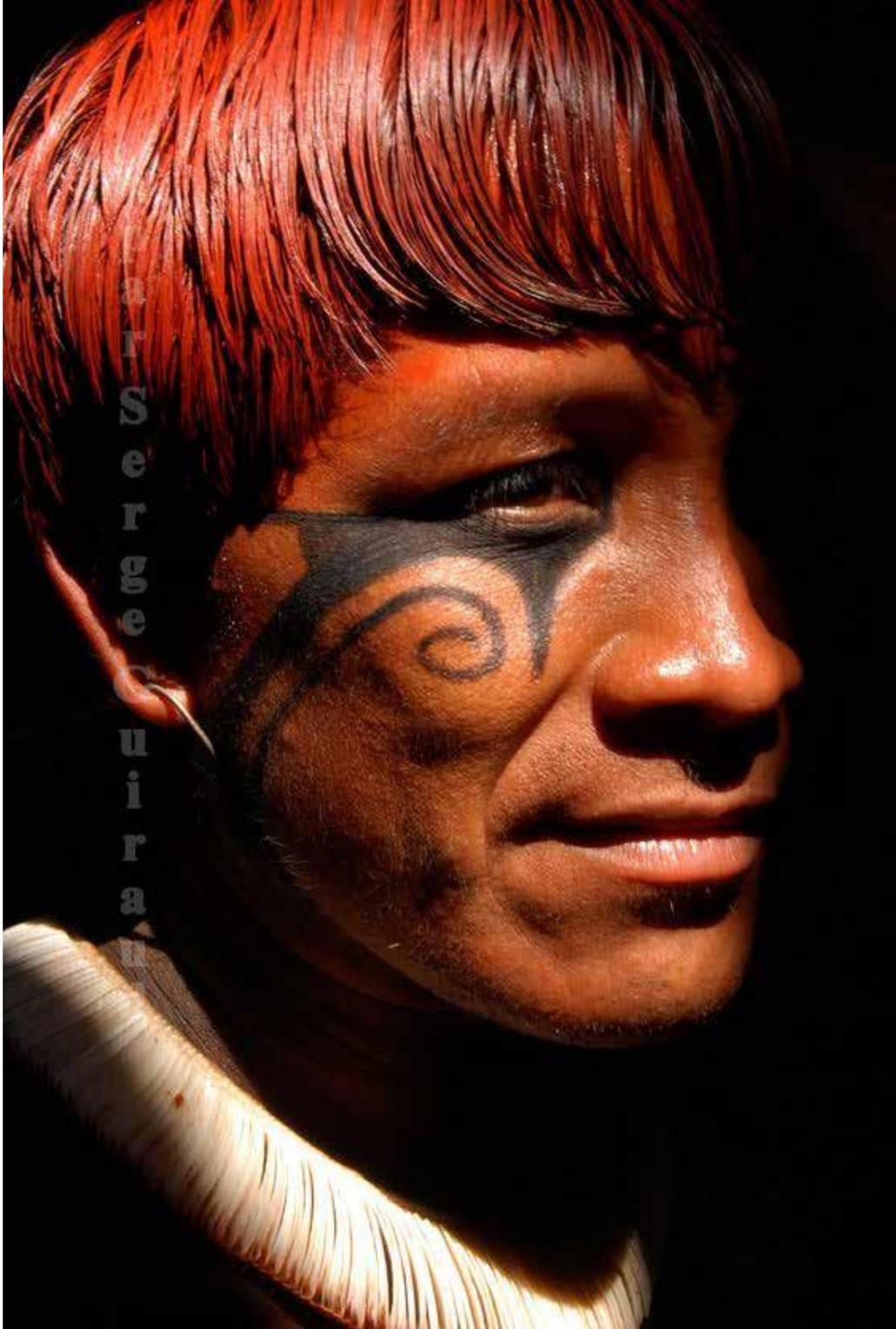
Fonte (link): <https://www.flickr.com/photos/sguiraud/49848210343/>

Figura 9: KUIKURO Yawalapiti Séance de peintures corporelles avec du rocou Yawalapiti
Parc du Xingu - Mato Grosso Brésil. Foto de Serge Guiraud.



Fonte (link): <https://www.flickr.com/photos/sguiraud/49699282358/>

Figura 10: Yawalapiti. Aldeia Tuatuari Parc du Xingu Mato Grosso. Brésil - Foto: Serge Guiraud



Fonte (link): <https://www.flickr.com/photos/amazonieindienne/8029685047/>

Figura 11: Indígenas Yawalapiti em celebração.



Fonte (link): <https://br.pinterest.com/pin/298504281535879419/>

Figura 12: YAWALAPITI Rite du Kuarup ou Kwarup Yawalapiti Parc du Xingu. Mato Grosso. Brésil - Foto: Serge Guiraud.



Fonte (link): <https://www.flickr.com/photos/sguiraud/49699811021/>

Figura 13: Coiffe tucanape Joueur de flûte Wupu marquant une courte pose dans une case. Yawalapiti - village de Tuatuari. Parc du Xingu - Mato Grosso. Brésil - Foto: Serge Guiraud



Fonte (link): <https://www.flickr.com/photos/sergeguiraud/5223239842/in/faves-n0madical/>

Figura 14: Homem Yawalapiti.



Fonte (link): <https://www.pinterest.pt/pin/501166264796107619/>

2.3.2 Levantamento de dados da iconografia

A iconografia dos Yawalapiti é marcada por uma grande variedade de pinturas corporais e adornos utilizados em rituais e cerimônias. Segundo relatos de autores como Basso (1985) e Seeger (1981), o vestuário dos Yawalapiti é composto por tangas de algodão, colares de sementes e miçangas, pulseiras de madeira e penas, além de adornos para a cabeça e o rosto.

Os rituais envolvendo o vestuário são muito importantes para os Yawalapiti. Em sua maioria, os rituais são realizados em ocasiões como casamentos, funerais e celebrações de colheitas. Durante essas cerimônias, as pinturas corporais são utilizadas como uma forma de expressão e comunicação, muitas vezes representando animais ou símbolos sagrados.

Os rituais de casamento, por exemplo, são marcados pelo uso de adornos que simbolizam a união do casal e a continuidade da vida. Segundo relatos de Seeger (1981), as noivas usam uma tanga feita de algodão branco, decorada com padrões geométricos e bordados. Além disso, elas também usam colares de miçangas e penas, que simbolizam a fertilidade e a beleza.

Nisso, ritual Kuarup é uma das mais importantes celebrações dos Yawalapiti e de outros povos do Alto Xingu. Este ritual é realizado em homenagem aos mortos, sendo uma forma de lembrar e honrar aqueles que já partiram.

Segundo relatos de autores como Nimuendaju (1981) e Seeger (1981), o ritual Kuarup é realizado durante o período de estiagem, que vai de julho a setembro. Durante o ritual, os Yawalapiti efetuam esculturas de madeira, que representam os espíritos dos mortos, e as enfeitam com pinturas, plumas e adornos.

As esculturas são colocadas em uma grande clareira no centro da aldeia, onde ocorrem danças e cantos rituais. Os participantes do ritual usam vestimentas especiais, que incluem tangas, colares, pulseiras e pinturas corporais.

Relação da pintura corporal com o vestuário A pintura corporal é uma das principais formas de expressão dos Yawalapiti e está diretamente ligada ao vestuário utilizado em rituais e cerimônias. Segundo relatos de autores como Basso (1985) e Seeger (1981), as pinturas são realizadas com tintas vegetais, aplicadas com pincéis feitos de penas ou fibras vegetais. As pinturas representam animais, símbolos sagrados ou padrões geométricos, e muitas vezes são complementadas por adornos.

2.4 Povos matis

2.4.1 Apresentação

Os Povos Matis são um grupo indígena que habita a região da Amazônia brasileira, mais especificamente no estado do Amazonas (NASCIMENTO, 2023). Consoante o Censo 2010 do IBGE, a população indígena Matis era de aproximadamente 420 pessoas, distribuída em 18 aldeias. A língua falada pelos Matis é o “matis”, pertencente à família linguística pano. A história desses povos é marcada pela resistência à colonização e pela busca pela preservação de suas tradições e modo de vida.

As figuras a seguir (figuras de 15 a 21) representam pessoas dos povos Matis:

Figura 15: Índio Matis. Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985. Foto: Philippe Erikson



Fonte (link): <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Matis>

Figura 16: Índio Matis. Igarapé Boeiro, rio Ituí, Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985. Foto: Isaac Amorim Filho



Fonte (link): <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Matis>

Figura 17: Índio Matis. Foto: Scott Wallace.



Fonte (link): <https://greenglobaltravel.com/scott-wallace-on-the-expedition-to-save-the-last-uncontacted-amazon-tribes/>

Figura 18: Índio Matis usando máscara (Mariwin, espírito). Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985. Foto: Philippe Erikson



Fonte (link): https://img.socioambiental.org/v/publico/Matis/matis_11.jpg.html

Figura 19: Índia Matis preparando bebida fermentada de milho.
Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985. Fonte: Philippe Eriks



Fonte (link): <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Matis>

Figura 20: Índio Matis - espírito Mariwin vermelho em pose ameaçadora.
Terra Indígena Vale do Javari. Amazonas, 1985. Foto: Philippe Erikson



Fonte (link): <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Matis>

Figura 21: *Amazon tribal zombies*. Foto: Desconhecido



Fonte (link): <https://zombieresearchsociety.com/archives/2809>

2.4.2 Levantamento de dados da iconografia

A caça é uma atividade fundamental para a subsistência dos Matis, que utilizam técnicas específicas para capturar animais na floresta. Segundo Carlos Fausto e Robert W. Sussman, autores que estudaram a cultura dos Matis, a caça é realizada por meio de emboscadas e armadilhas, além do uso de arco e flecha. Os Matis possuem uma habilidade notável na construção de seus instrumentos de caça, efetuados com materiais encontrados na floresta.

Segundo informações de Almeida et al. (2012), os Matis utilizam madeiras específicas para a confecção dos arcos e flechas. O arco é feito com madeira de uma árvore conhecida como “urucarana” e as flechas são feitas com a madeira da “tacuara”. Além disso, as pontas das flechas são feitas de bambu ou osso, sendo envenenadas com uma substância chamada “curare”, que paralisa os músculos do animal atingido e facilita a caça.

A culinária dos Matis é igualmente importante para a sobrevivência e preservação cultural do grupo. A dieta é variada e equilibrada, composta principalmente por caça, peixes, frutas, castanhas e outros alimentos encontrados na floresta. De acordo com Santos et al. (2019), os Matis possuem uma técnica específica de cozimento, em que os alimentos são cozidos em folhas de bananeira sobre fogo de lenha. Além disso, a defumação é uma técnica amplamente utilizada para conservação de carnes e peixes, pendurados em varais e defumados com lenha de árvores frutíferas.

A culinária desses povos está diretamente ligada às suas crenças e práticas culturais. Segundo Santos et al. (2019), a caça é vista como uma atividade sagrada, e cada espécie animal possui um papel importante na cosmologia Matis. Por isso, o consumo de determinados alimentos está associado a rituais e cerimônias, que visam agradecer aos espíritos da floresta e manter o equilíbrio ecológico.

2.5 Projeto Kaiwas: Uma iniciativa de representividade cultural

O projeto Kaiwas apresenta uma relevância significativa para a minha pesquisa sobre a representação icnográfica dos povos originários brasileiros e a desconstrução de estereótipos preconceituosos. Ao valorizar, promover e preservar a cultura e a língua dos povos Guarani-Kaiowá, o projeto Kaiwas desafia as imagens distorcidas e estereotipadas que foram historicamente associadas aos indígenas.

Uma das abordagens-chave do projeto é o ensino da língua Guarani-Kaiowá, o que está alinhado com o objetivo de minha pesquisa de oferecer representações autênticas e precisas dos povos indígenas. Ao promover o ensino da língua indígena, o projeto Kaiwas reconhece a importância da linguagem como um elemento central da cultura e da identidade dos povos Guarani-Kaiowá.

Além disso, o projeto Kaiwas também realiza atividades culturais que permitem aos participantes vivenciar e experimentar a cultura indígena de forma prática. Essa abordagem ressoa com o meu objetivo de demonstrar a riqueza e a diversidade cultural dos povos originários por meio de ilustrações e representações visuais.

O projeto também compartilha semelhanças com minha pesquisa no sentido de conscientizar e valorizar a cultura indígena. Ao realizar eventos, palestras e exposições, o projeto Kaiwas busca desmistificar estereótipos e promover um diálogo intercultural, um objetivo compartilhado com minha pesquisa de combater imagens preconceituosas e promover uma compreensão mais ampla da diversidade cultural indígena.

Além disso, a abordagem participativa e colaborativa do projeto Kaiwas, envolvendo a comunidade indígena, educadores e pesquisadores, se assemelha ao meu próprio método de pesquisa. Ambos os projetos valorizam o conhecimento e as perspectivas dos próprios indígenas, estabelecendo uma troca de conhecimentos que contribui para a preservação da identidade cultural e o empoderamento dos povos originários.

Em resumo, o projeto Kaiwas se conecta diretamente com minha pesquisa ao promover a valorização da cultura e língua indígena, desafiar estereótipos prejudiciais e estabelecer uma abordagem participativa e colaborativa. Ao explorar as iniciativas do projeto Kaiwas, posso obter insights valiosos e referências relevantes para minha pesquisa sobre a representação icnográfica dos povos originários brasileiros.

2.6 Relatório da Visita Técnica ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA)

A visita técnica ao Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) ocorreu na quarta-feira, dia 29 de março, por volta das 15h. Eu, juntamente com o aluno de Design e colega de classe Odeni, e o professor Marcos Costa, fomos acompanhados por Frederico Mael, responsável pela direção do instituto, que nos apresentou suas instalações e o acervo histórico relacionado aos povos indígenas brasileiros.

Inicialmente, eu e Odeni apresentamos nossas propostas de trabalho e necessidades, já que visitamos o instituto visando pesquisar fotografias referentes aos povos indígenas como parte de nossas pesquisas acadêmicas. Durante esse tempo, Frederico compartilhou conosco informações sobre as explorações europeias no Brasil e os primeiros contatos com os povos indígenas, que até então eram desconhecidos. Ele nos relatou que muitos dos nomes atualmente utilizados para identificar as etnias indígenas tiveram origem em mal-entendidos linguísticos, uma vez que os europeus ainda não haviam estabelecido qualquer forma de contato com os nativos. Essa situação levou a nomes que, na verdade, não faziam muito sentido para os próprios indígenas. Essa reflexão despertou em mim a consciência sobre o problema que venho estudando, que abrange desde o nome de batismo até a aparência e os costumes das culturas indígenas.

Em seguida, visitamos o laboratório onde estão sendo digitalizadas as fotografias do acervo do instituto, ainda em andamento. Depois, fomos à sala que abriga os filmes filmados pelo pesquisador Vincent (nome completo não fornecido). A visita foi concluída por volta das 16h40. Embora ainda não tenha obtido todas as imagens necessárias para minha pesquisa, Frederico ressaltou que as visitas ao instituto são permitidas quantas vezes forem necessárias, desde que o aluno esteja presente para supervisão.

As figuras a seguir (22 a 36) retratam a visita:

Figura 22: Laboratório de tratamento de imagem



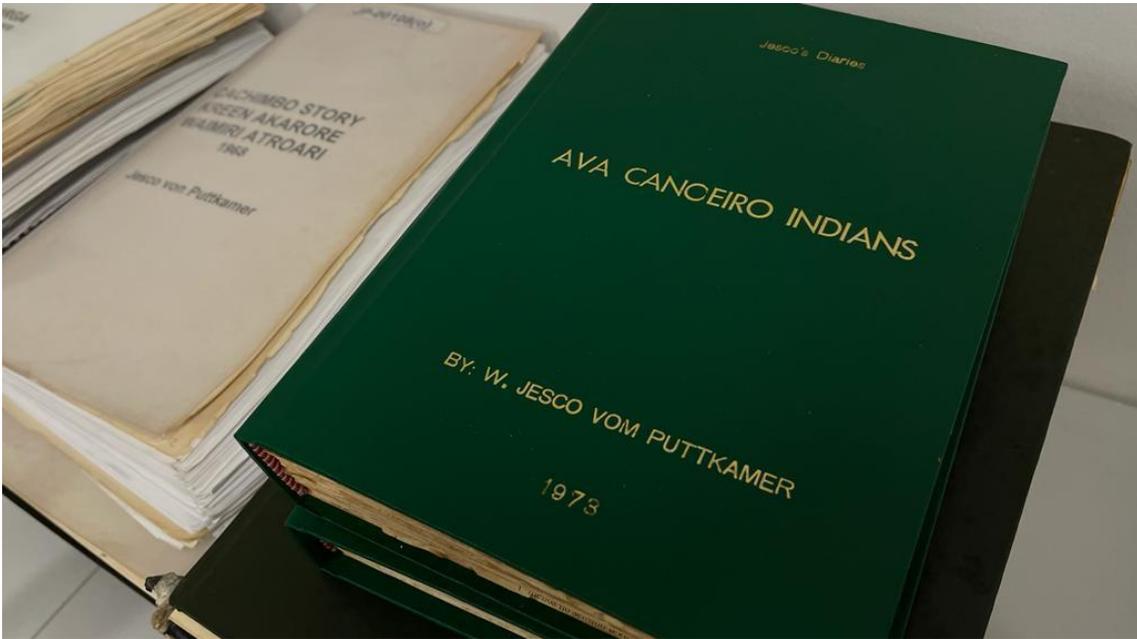
Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 23: fotografia e livros Laboratório de tratamento de imagem



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 24: Livros do Laboratório de tratamento de imagem



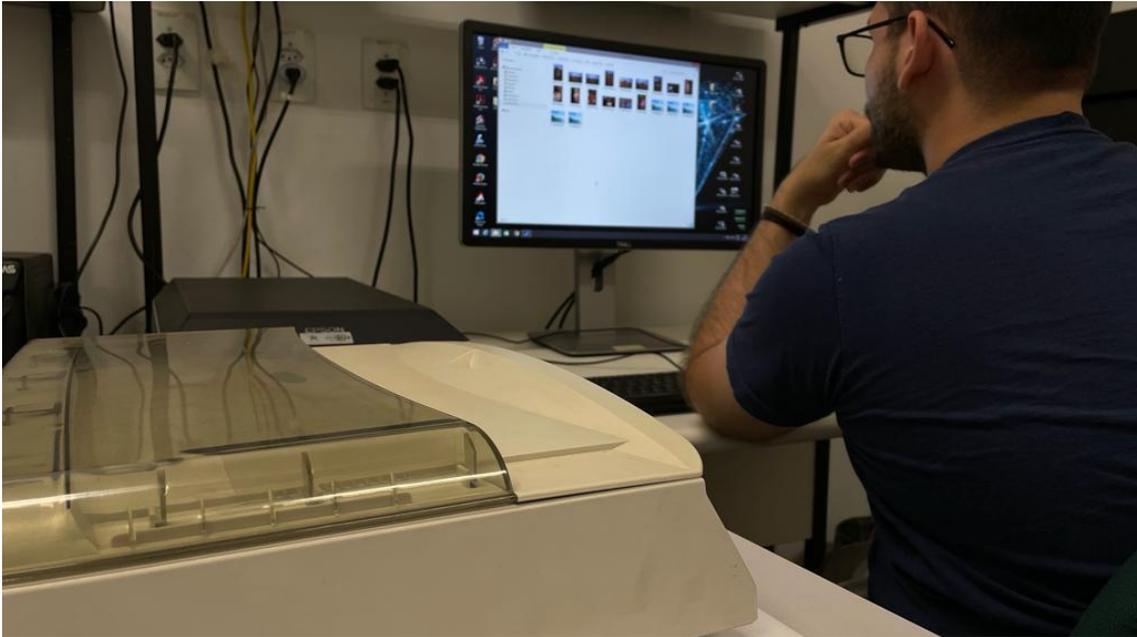
Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 25: Outra vista do Laboratório de tratamento de imagem



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlosr (2023).

Figura 26: Odeni pesquisando fotografias para sua pesquisa de TCC



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 27: Rolos de filme do Acervo do IGPA



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 28: Marcos e Frederico no Acervo de filmes e gravações do IPGA



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 29: Outro momento de Marcos e Frederico no Acervo de filmes e gravações do IPGA



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 30: Acervo de fitas de gravação em áudio do IGPA



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 31: Frederico abrindo maleta com algumas máquinas de filmagem.



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 32: Máquinas de filmagem.



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 33: Mais algumas máquinas de filmagem.



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 34: Outros equipamentos sendo mostrados.



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 35: Máquina de filmagem.



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Figura 36: Flechas indígenas.



Fonte: Fotos do Autor da Obra, Pedro Carlos (2023).

Desenvolvimento de Projeto- Parte II

Ensaaios iniciais

Testes e considerações.

Referências:

Apresentação dos artistas que usei como referência para a estética visual e o estilos adotado.

1- João Ruas

2- Guilherme Motta

3- Renan Boé

1



2



3



Ambos artistas brasileiros, no qual também tive o prazer de fazer amizade com dois deles, Guilherme e Renan.

Ensaio iniciais

Testes e considerações.

Moodboard:

Dividi em 4 tópicos, no qual eu eu reuni referências para o projeto do livro e para as tribos, mais especificamente as 3 tribos escolhidas. O board de referências para o livro, reuni tanto a estética visual quanto exemplos de diagramação e composição visual.

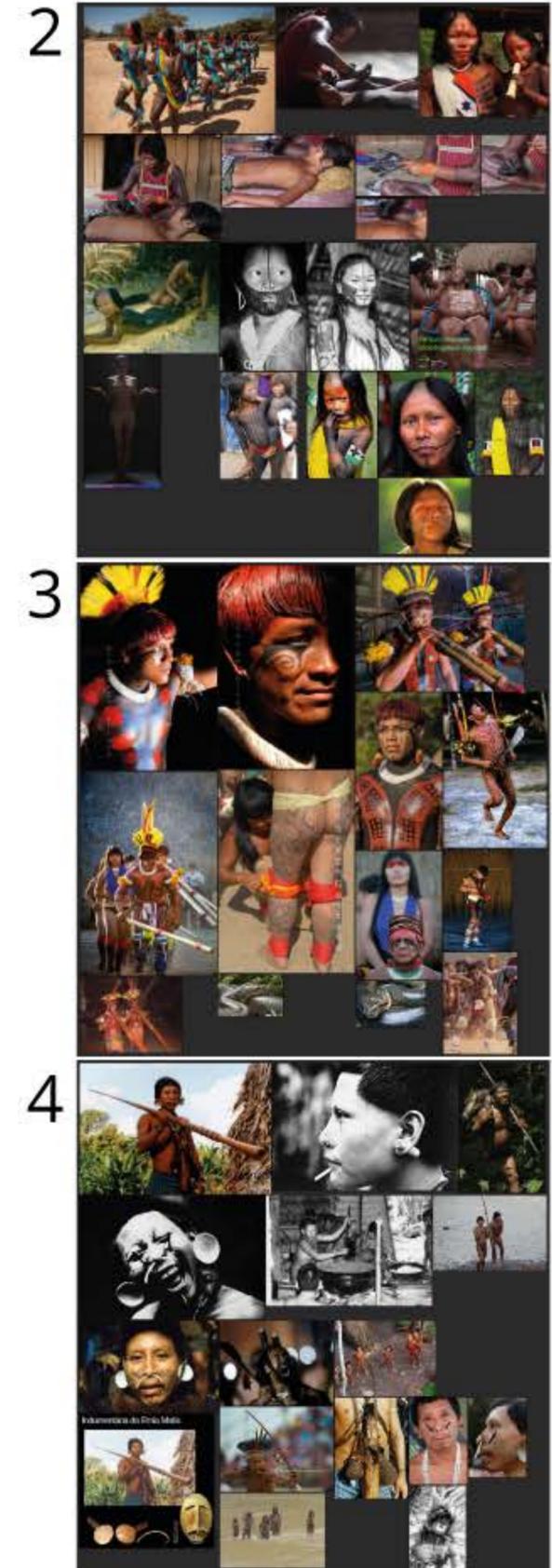
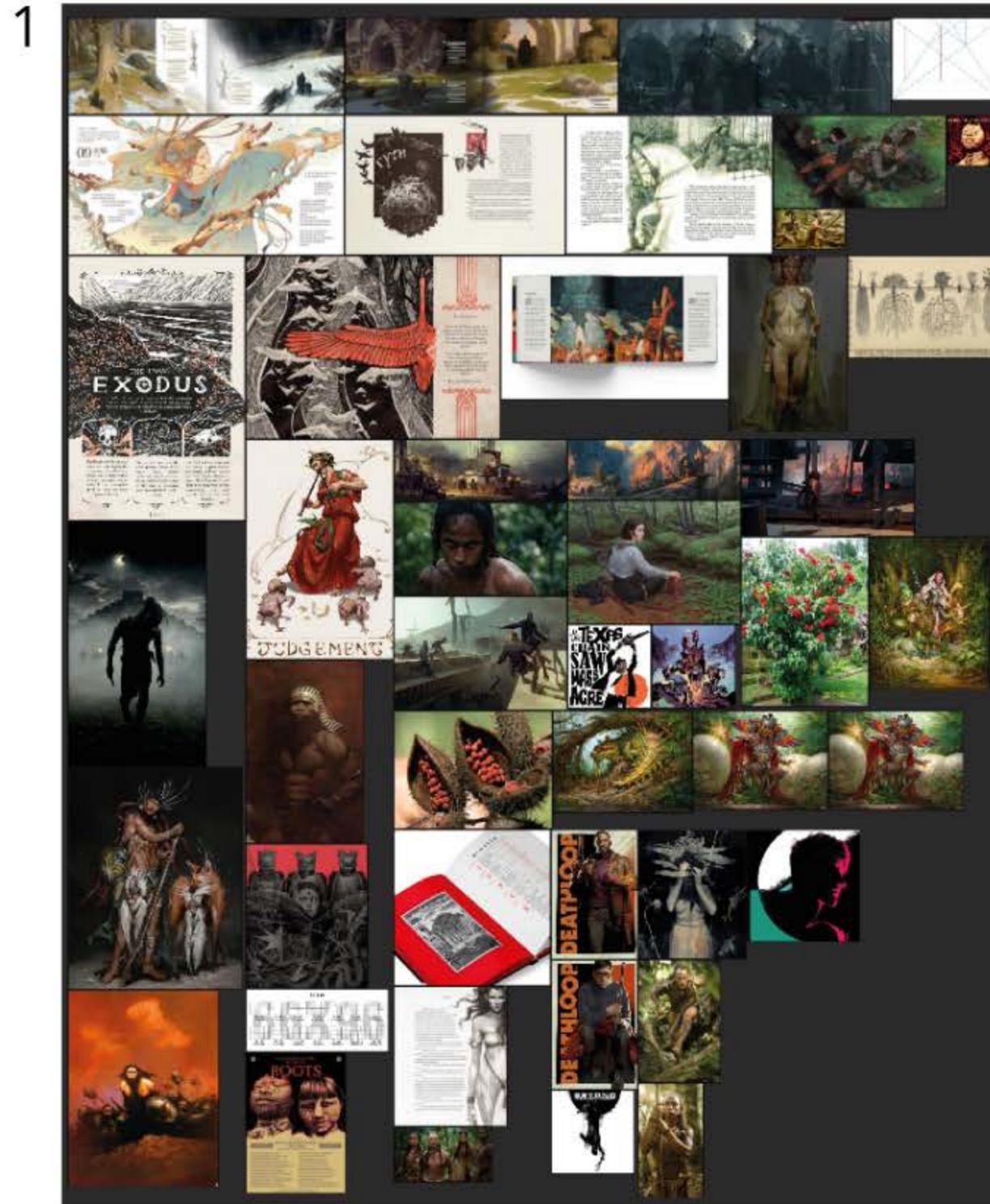
1- Referências para o livro

2- Mebêngokrês

3- Yawalapitis

4- Matis

As referências se dividem entre pinturas de artistas, cenas de filme, prints de documentários, posters, capas, fotografias e recortes de livros editoriais.



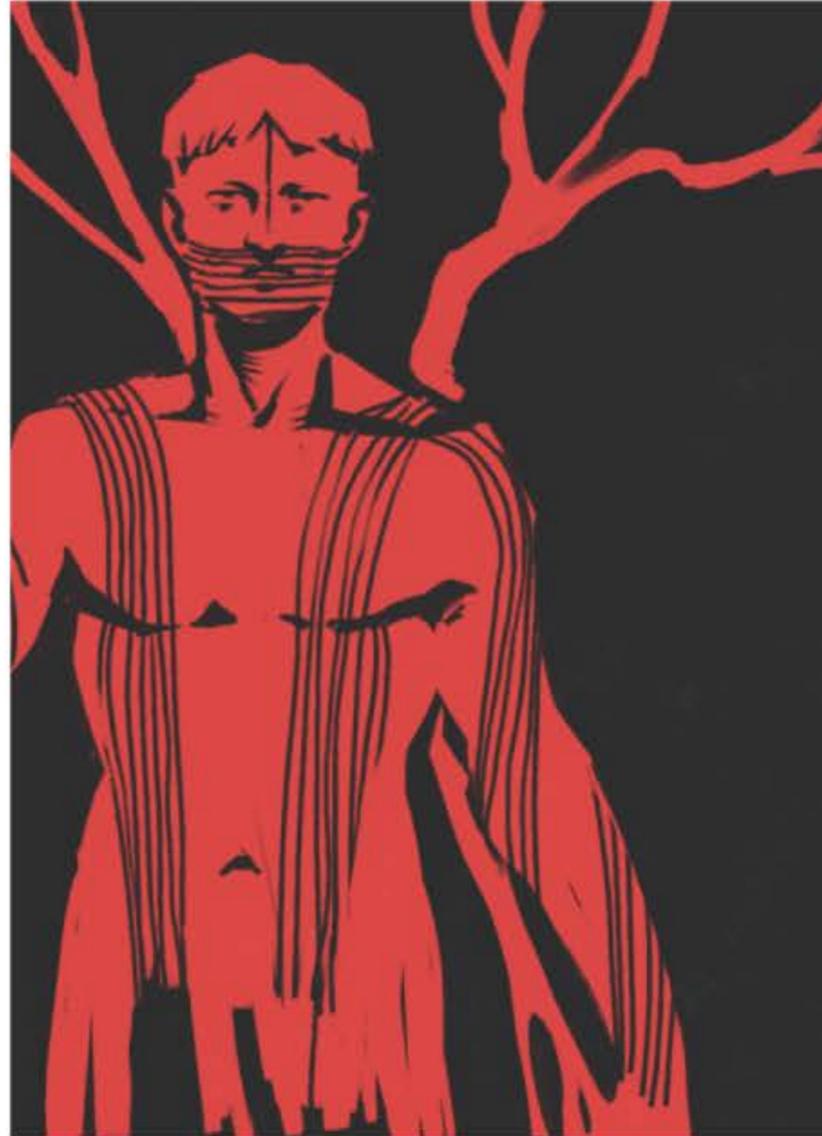
Ensaaios iniciais

Testes e considerações.

Primeiros testes:

Nessa etapa eu busquei trabalhar com formas mais chapadas e cores únicas, sem variação de tonalidades, sem renderização de luz e sombra. O objetivo era construir uma linguagem mais direta e simplista.

O uso das formas chapadas constroem a iluminação, a luz é representada pelo valor mais claro, quanto a sombra pelo valor do fundo, mais escuro.

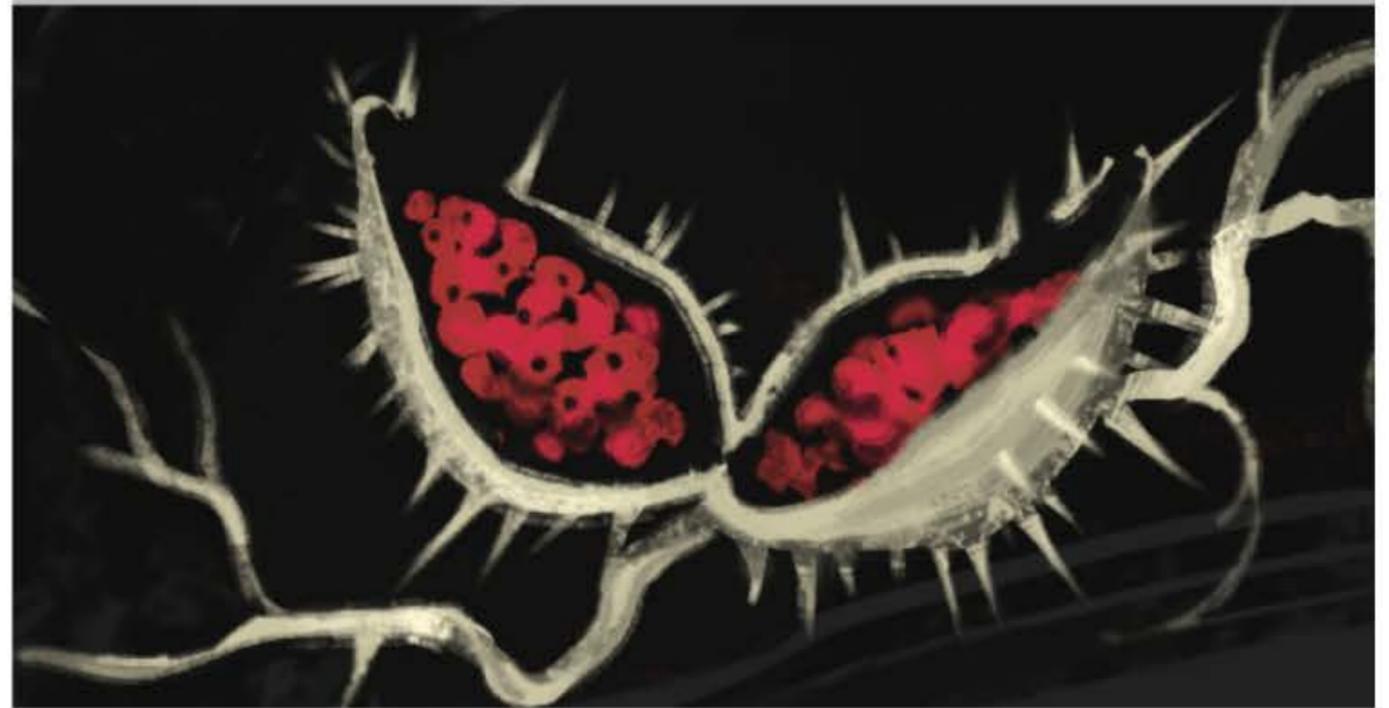


Todos os testes e imagens finais foram produzidas usando o photoshop como software e mesa digitalizadora como hardware.

Ensaaios iniciais

Testes e considerações.

Primeiros testes:



Mais testes, sempre buscando uma comunicação mais acertiva e rápida do leitor.

Tratamento visual das ilustrações

Ensaio iniciais

Resultado almejado:

O resultado ideal buscado por mim nesse trabalho é representar com formas e cores simples, que possam ser efetivos na comunicação, mas sem deixar os detalhes e texturas de lado.

Na imagem ao lado eu coloquei uma das ilustrações feitas para o projeto, que aglomeram todo o objetivo visual buscado. Resumir as cores também é uma forma de comunicação, no qual se traz uma estética mais única e reforça a ideia das tribos trabalhadas no livro.



Imagem referente a ilustração de abertura de capítulo dos Matis.

Tratamento visual das ilustrações

Metas visuais

Renderização simples, com mais texturas e sugestão de formas, comunicando mais informações onde bate a luz, e chapando as formas onde está com sombra.



O volume é também uma parte essencial na representação visual das ilustrações. Trazer o aspecto 3D e os volumes certos faz com que a imagem comunique mais realismo e complexidade.



Zoom da ilustração anterior mostrando os pontos abordados.

Tratamento visual das ilustrações

Ensaio iniciais

Abordagem visual 2

Nessa abordagem visual encontrada no livro, o uso de cores é reduzida a apenas uma, e as demais tonalidades são variações de valores da cor. Com isso, a representação dos volumes e formas é o ponto principal, partindo de áreas chapadas até áreas com mais variações de tonalidade para representar os volumes da forma.



Máscara usada nos rituais pelos Matis.

Tratamento visual das ilustrações

Ensaio iniciais

Abordagem visual 3

Nesse ponto, as cores também são reduzidas como na abordagem visual 2, então só se usa uma cor. Logo, a diferença é a variação de valores que se reduz a 2. Assim apenas representando os pontos de sombra projetados e sombras de oclusão. A luz é representada pelo valor mais claro do fundo da imagem.



Representação de um indígena na abertura do livro.

Cores e composição

Ensaio iniciais

Cores usadas:

Nas ilustrações de abertura de capítulo e no design geral de diagramação, fontes, capa e tipografias usadas no livro, eu usei 3 cores principais, o vermelho, o preto e o branco (não exatamente branco, é um valor um pouco abaixo, perto ali do creme).

Elas constroem a identidade visual do livro, desde sua capa, divisões de capítulos, textos e ilustrações entre capítulos.

Utilizei essas cores por serem muito usadas pelas etnias indígenas abordadas no livro.



Cores e composição

Ensaio iniciais

Significado das cores:

Temos o vermelho, que simboliza o Urucum, que é um fruto da árvore urucuzeiro. Esse fruto é transformado numa tinta que é usada em uma série de rituais, pinturas corporais e pigmento para vestimentas e acessórios. Mas, eu também utilizo o vermelho para simbolizar o momento lamentável em que a nossa natureza se encontra, devastada pelo desmatamento e exploração. Nisso, eu pinto vegetações em vermelho.

O preto simboliza o Jenipapo, que é uma fruta presente em grande parte da extensão brasileira, em diversos biomas. Essa fruta também é transformada em pigmento, e também, muito utilizada em pinturas corporais, rituais, etc.

Observação: O branco e uma variação do preto (cinza mais escuro) eu utilizo como valores complementares, para tornar a composição visual das ilustrações mais complexa e com mais informações.



Cores e composição

Ensaio iniciais

Resultado:

Utilizando essas cores citadas anteriormente, eu consigo uma gama de combinações enorme, que me possibilita construir as composições visuais, com luz, sombra e variação de cor. Nesse caso, como na ilustração ao lado, eu uso o vermelho como o tom médio, o preto como sombras, oclusões e tons escuros, e o branco como luz e tons mais claros.



Cores e composição

Ensaio inicial

Poster divulgativo do trabalho, utilizando também os mesmos princípios de composição.



Finalização

Alta resolução



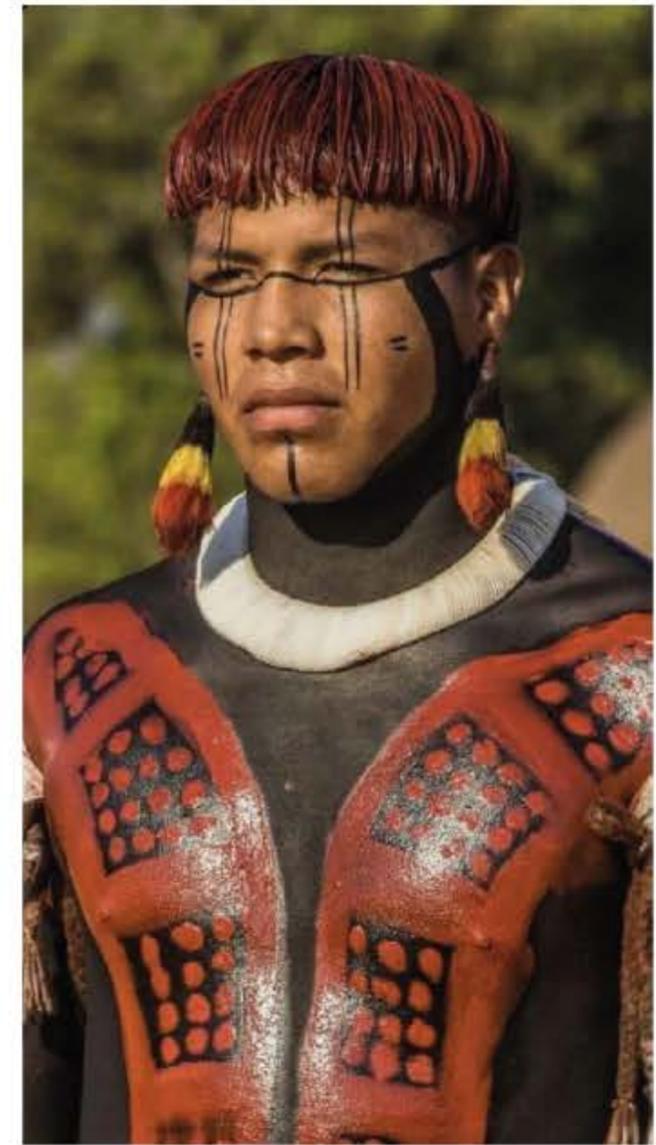
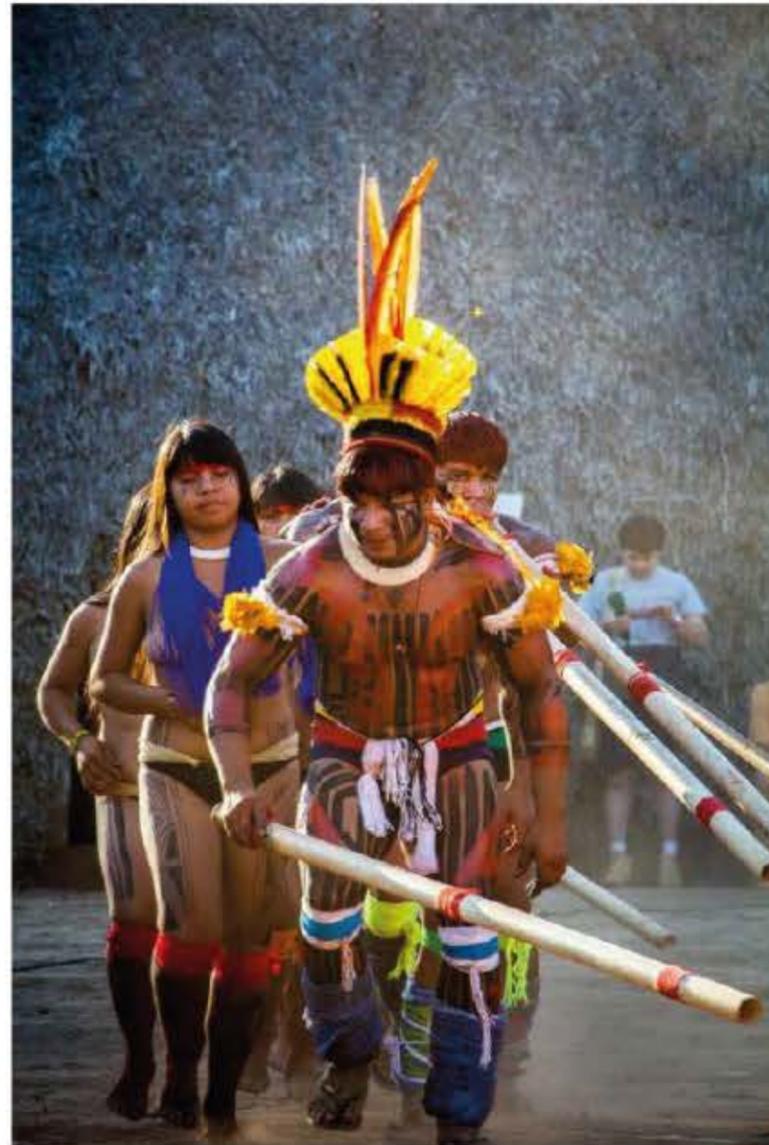
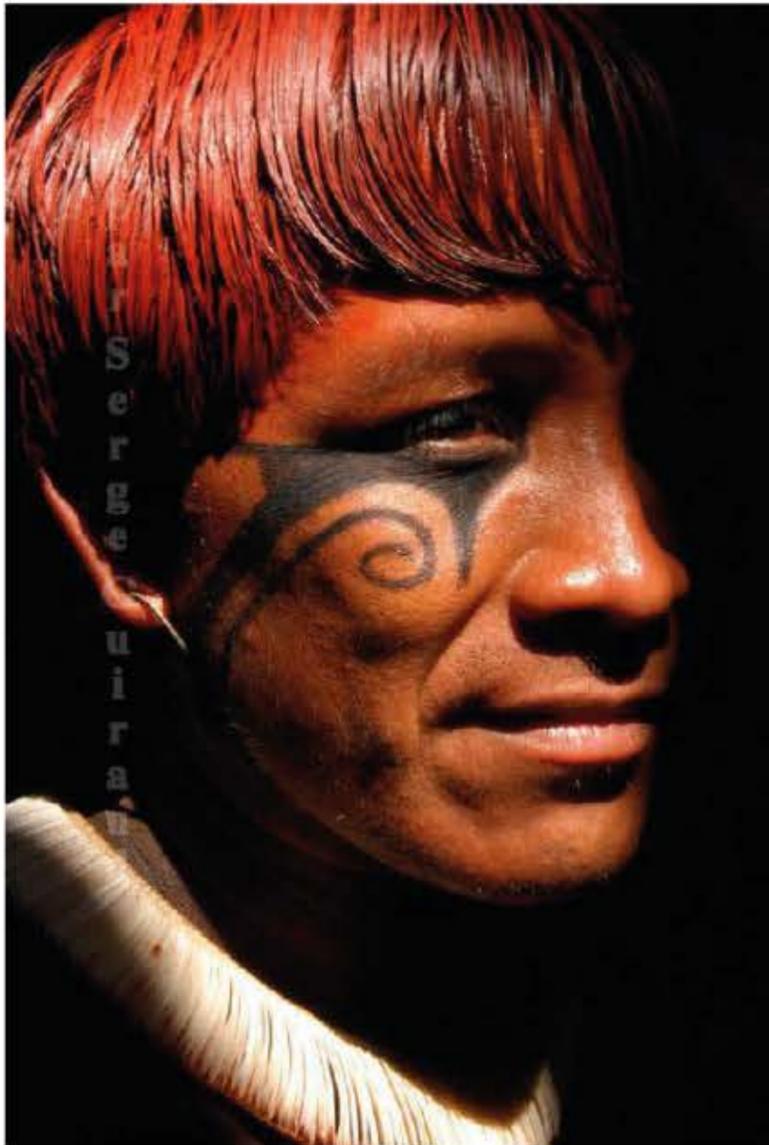
Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos Mebêngokrês



Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos yawalapitis



Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos Matis



Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Processo de usado no desenvolvimento das ilustrações de abertura de capítulo.



Etapa de rascunho, onde defino o desenho e a composição, como cenário, sobreposição de objetos, ângulo, poses, elementos gerais, cenário etc.



Etapa de blocagem, no qual eu vou organizar as cores, valores, iluminação, mas sem detalhar nada.



Etapa de começo de renderização, no qual eu começo a definir mais as formas, e acrescentar ou tirar elementos previamente estabelecidos na ilustração.



Etapa de finalização e tratamento final da ilustração.

Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

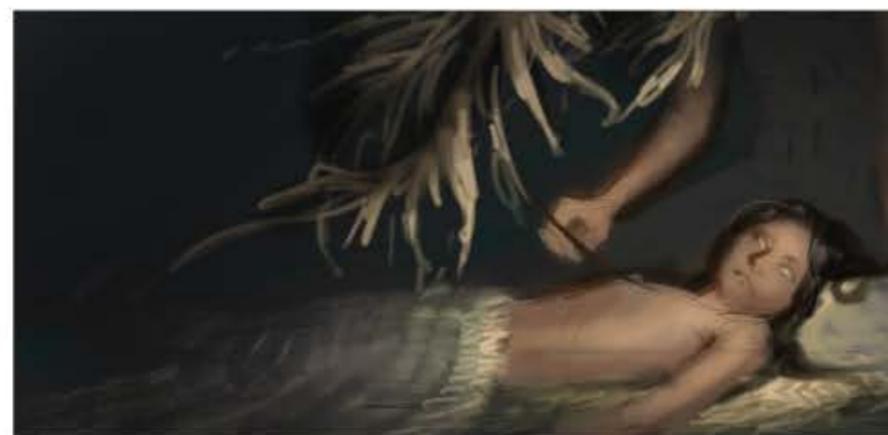
Processo usado para desenvolver as ilustrações dos capítulos, que recebem uma abordagem diferente, já incluindo cores e iluminação mais complexas.



Zoom para mostrar mais detalhes



↑
Etapa de rascunho, basicamente com o mesmo objetivo já descrito na parte das ilustrações de abertura de capítulo.



↑
Etapa de blocagem de cores e iluminação, aqui entra uma parte importante que é definir bem os tons de pele e materiais por exemplo, sempre com referências visuais para trazer uma maior fidelidade visual.



↑
Etapa de renderização, definindo melhor os detalhes e pequenas partes da ilustração, também, tratar a iluminação da ilustração.

Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos Mebêngokrês

ilustração final de abertura de capítulo. Uma indígena Mebêngokrê com vestimenta de ritual de passagem, e pintura corporal também. Nessa ilustração eu quis passar um ar de superioridade, com os braços abertos demonstrando domínio e confiança. Logo atrás dela, eu fiz uma floresta que está completamente escura e vermelha, simbolizando o desmatamento e a destruição das matas brasileiras.

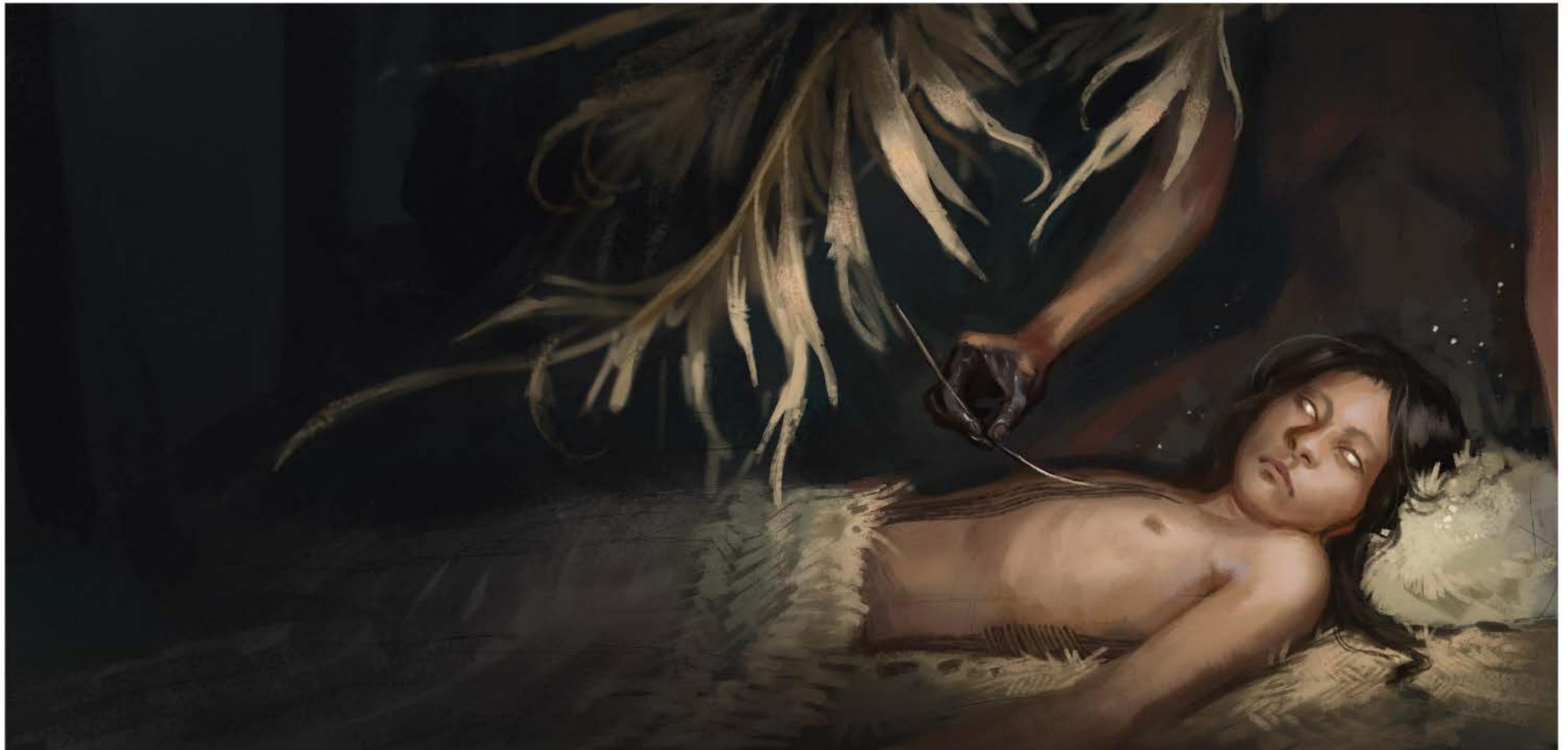


Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos Mebêngokrês

ilustração final do capítulo.

Indígena Mebêngokrê pintando sua filha para um ritual de passagem. Ela está utilizando tinta de Jenipapo, e para pintar ela usa um filete de fibra vegetal para traçar os desenhos no corpo da menina.



Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos Yawalapitis

Ilustração final de abertura de capítulo. Nela, podemos observar um ancião da aldeia, com vestimentas e pintura do ritual do Kuarup, que é uma cerimônia funerária que ocorre em homenagem a líderes importantes e respeitados que faleceram. Também, podemos observar algumas sucuris que estão entrelaçadas nas árvores, elas são um símbolo muito importante para os Yawalapitis. Eles até pintam os olhos com a marca dos olhos da sucuri.



Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos Yawalapitis

Indígena Yawalapiti vestido e pintado para a festa do Kuarup, tocando a famosa e tradicional flauta de taquara.



Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos Matis

Ilustração final de abertura de capítulo. Nela, podemos observar um grupo de Matis na mata fechada. Nessa ilustração eu quis trazer uma mística em volta do aspecto mais notável dessa etnia, que são as suas técnicas de caça. Então eu quis trazer em sua composição um ar de algo predado, olhos brilhantes, penumbra, ameaça. Nessa ilustração, eu retrato como eles usam os acessórios corporais, imitando a onça. Nisso, para deixar mais evidente esse fato e trazer o misticismo que eu queria, eu fiz o indígena da esquerda, com uma iluminação no rosto que quase dá para ver uma onça de fato.

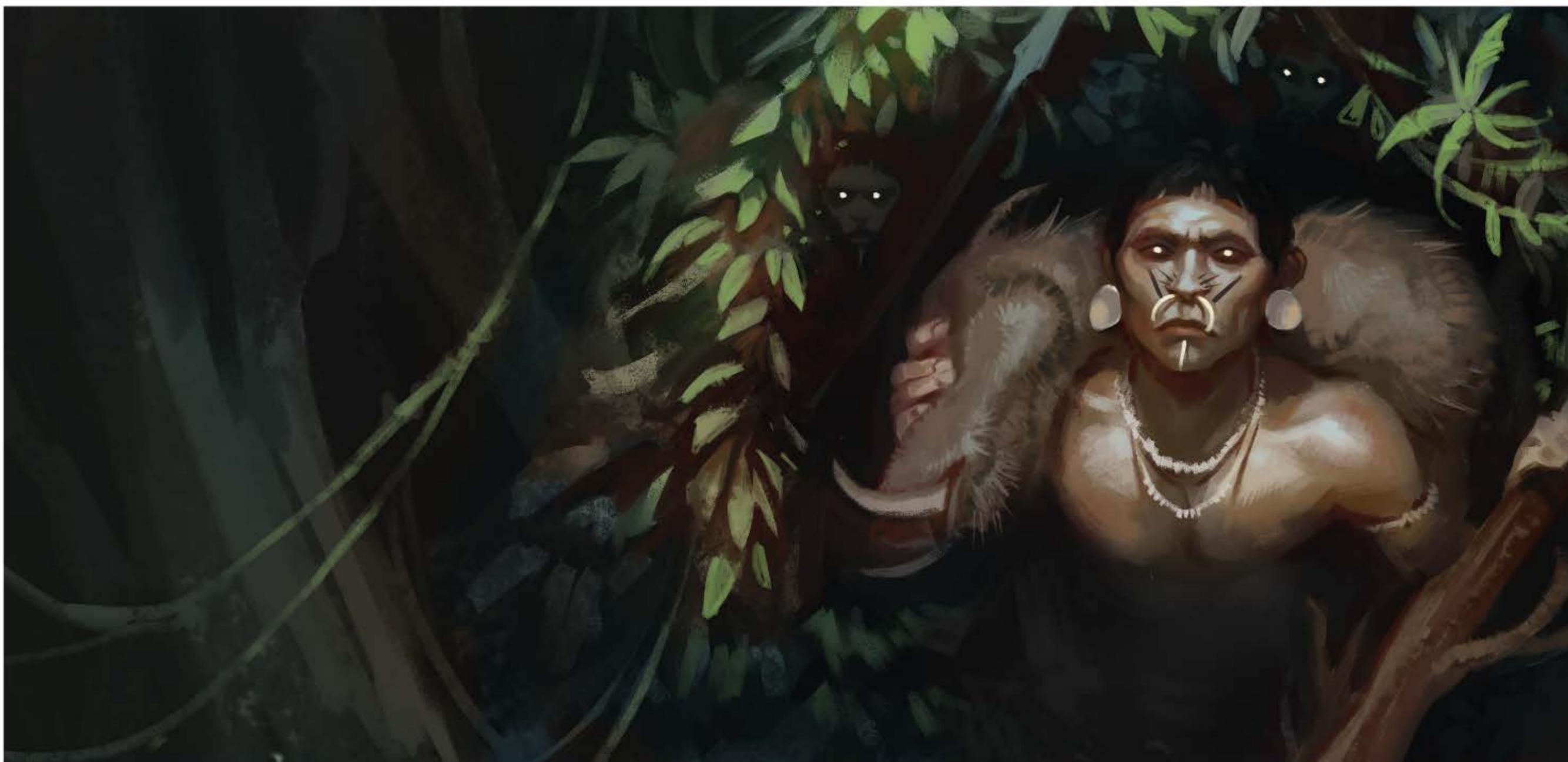


Desenvolvimento das ilustrações dos povos selecionados

Povos Matis

ilustração final do capítulo.

Indígenas Matis terminando uma caça bem sucedida. Eu retratei nessa ilustração um pouco da experiência, a brutalidade e a essência deles com a floresta. Misturados na penumbra das árvores.



Projeto Editorial

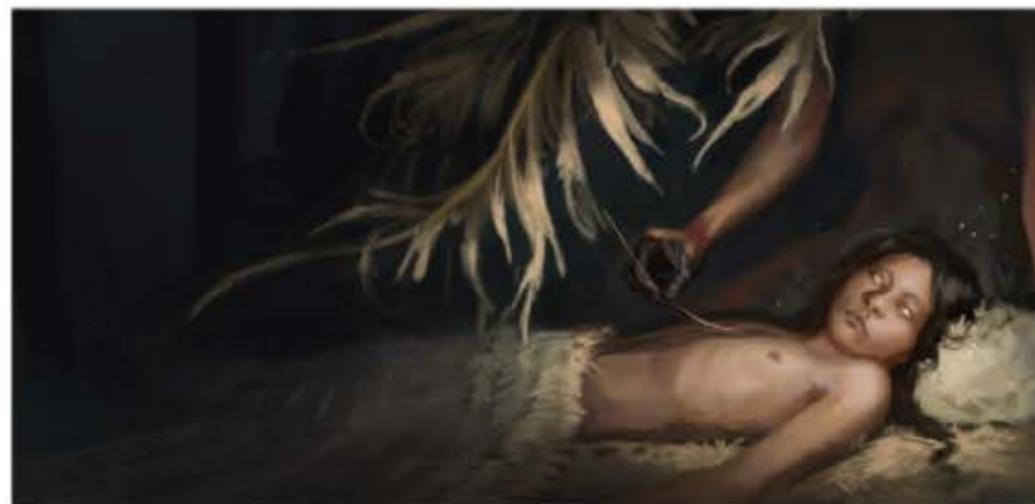
Organização dos elementos - Imagem e Texto.

Ilustrações de abertura e interior de cada capítulo trabalhado no livro.

Matis



Mebêngokrês



Yawalapitis

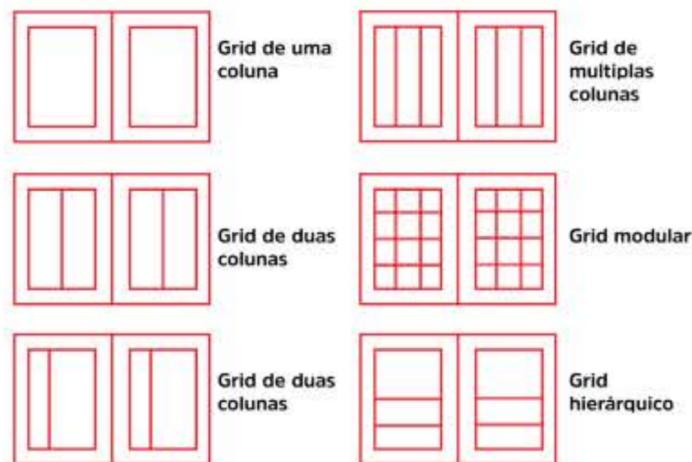


Projeto Editorial

Organização dos elementos - Imagem e Texto.

Primeiros testes decidindo como vou utilizar a disposição de imagem e texto.

Grids usadas como modelo para testes.



WARI KUXU

Como a proposta principal é desconstruir visões amarradas de demonstração de estereótipo e imagem dos povos indígenas brasileiros, usar um método indutivo (processo ascendente) que, para chegar ao conhecimento ou demonstração da verdade, parte de fatos particulares, empíricos, e tira uma conclusão genérica) como base de pesquisa é adequado e servirá para a conclusão do projeto. Não, o uso de fontes vestidas e relações factuais da cultura e vivência desses povos é fundamental para que a concepção do projeto seja uma resposta aos problemas citados. Não, o uso de interpretação pessoal e adaptação visual é essencial e repete todo o processo histórico envolvendo os estereótipos relacionados aos povos indígenas brasileiros. Logo, o processo de pesquisa bibliográfica e documental podem ser pontos para a produção de ilustrações que se aproximem significativamente dos seus objetivos, sejam eles: demonstrar a cultura, o cotidiano, as relações sociais, características físicas, vestimentas, rituais etc.

WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

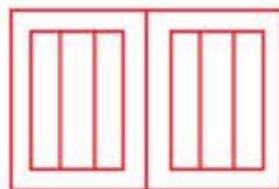
WARI KUXU

A história dos povos originários do Brasil é pouco conhecida e frequentemente se referem a eles como uma única etnia, mas na realidade existem mais de 305 povos indígenas com 274 línguas próprias. A imagem estereotipada dos índios vestidos de penas e cocar, chefiados pelo cacique e vivendo em aldeias à beira de rios, é uma construção imaginária baseada na ótica do homem europeu branco que distorce a realidade. Esse estereótipo contribui para a relativa invisibilidade dos povos indígenas no Brasil, que são pouco conhecidos pelos brasileiros, apesar de suas culturas, hábitos e costumes peculiares serem um tesouro imaterial valioso.

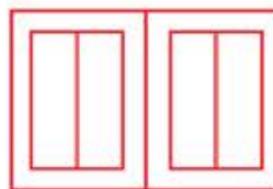
Projeto Editorial

Organização dos elementos - Imagem e Texto.

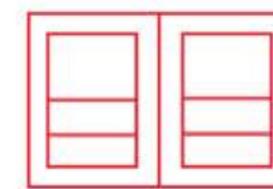
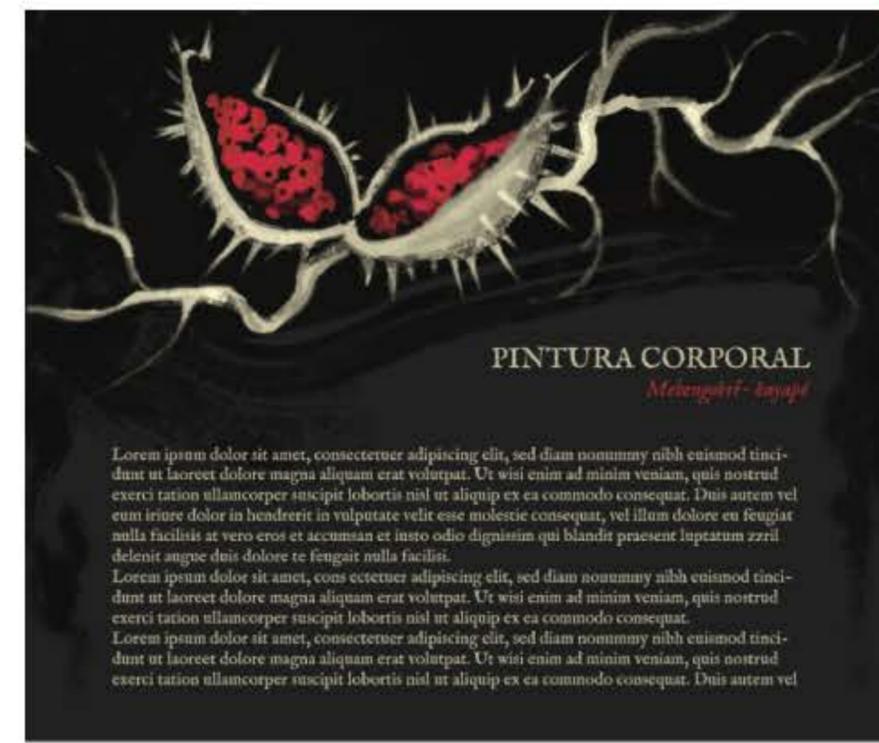
Mais testes com aplicações já no design proposto para o livro editorial.



Grid de
múltiplas
colunas



Grid de duas
colunas

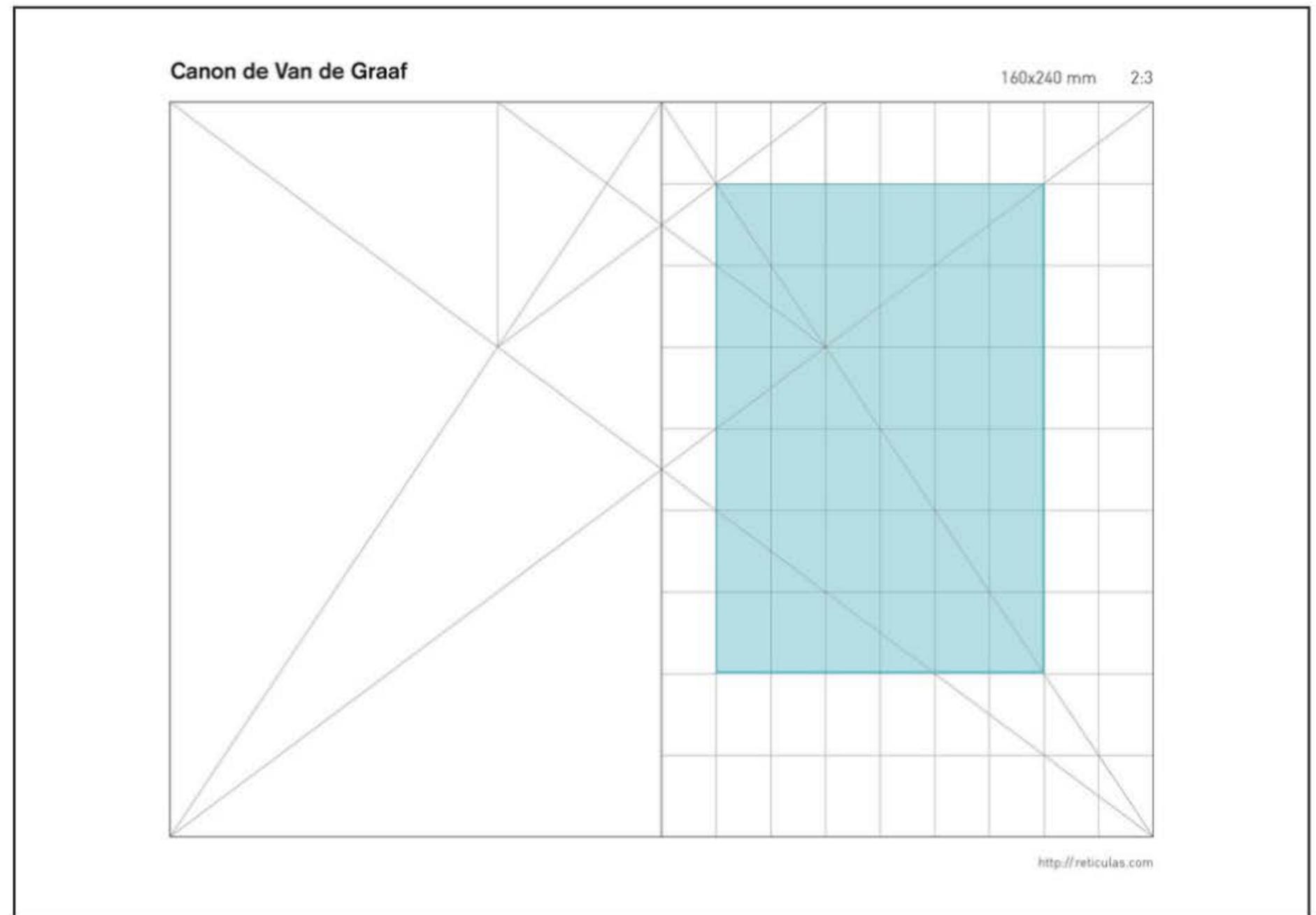


Grid
hierárquico

Projeto Editorial

Organização dos elementos - Imagem e Texto.

Depois de muitos testes, eu resolvi buscar um grid que fosse mais versátil e pudesse ter opções de modulação. Assim, achei essa grid, Van de Graaf.



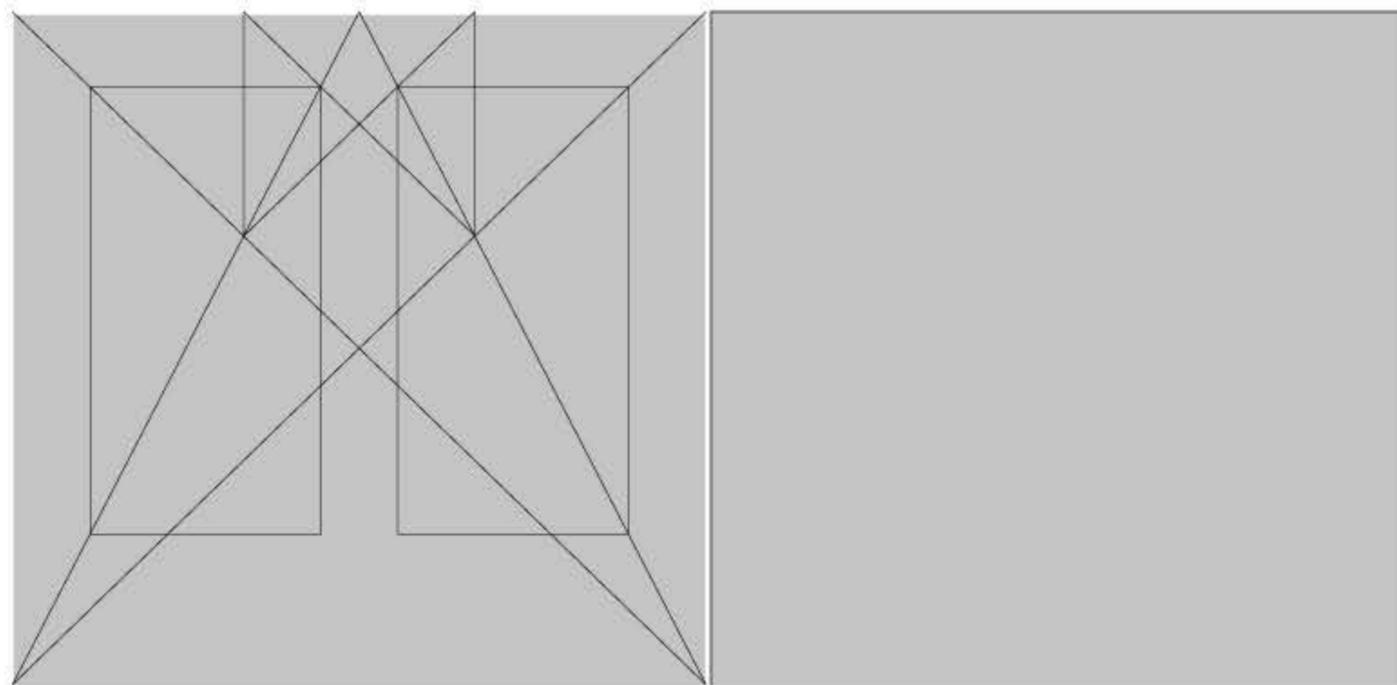
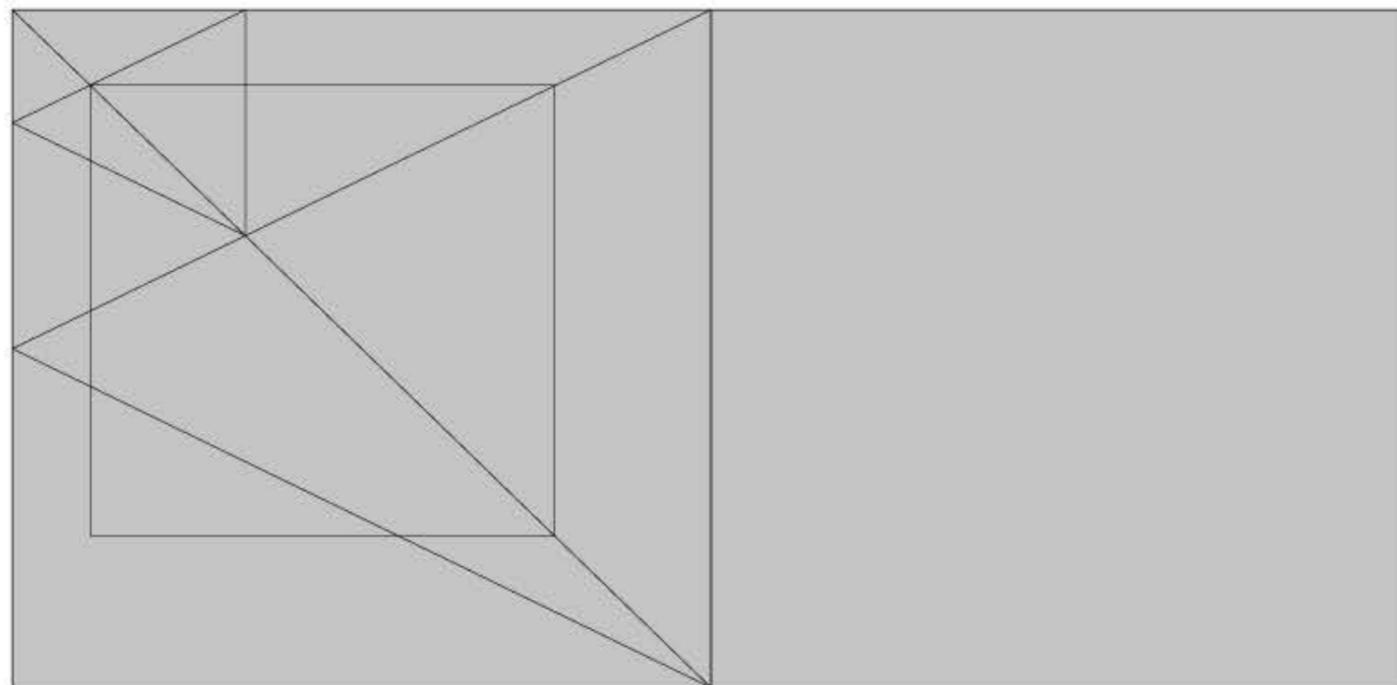
Projeto Editorial

Organização dos elementos - Imagem e Texto.

Disposição das grids usadas na diagramação das imagens e textos do livro.

digrid para as ilustrações internas dos capítulos

digrid para as ilustrações de abertura dos capítulos



Projeto Editorial

Organização dos elementos - Imagem e Texto.

Mais testes de disposição de imagem e texto. Aqui eu estruturei a formatação de cada capítulo.



Capa do capítulo

Introdução

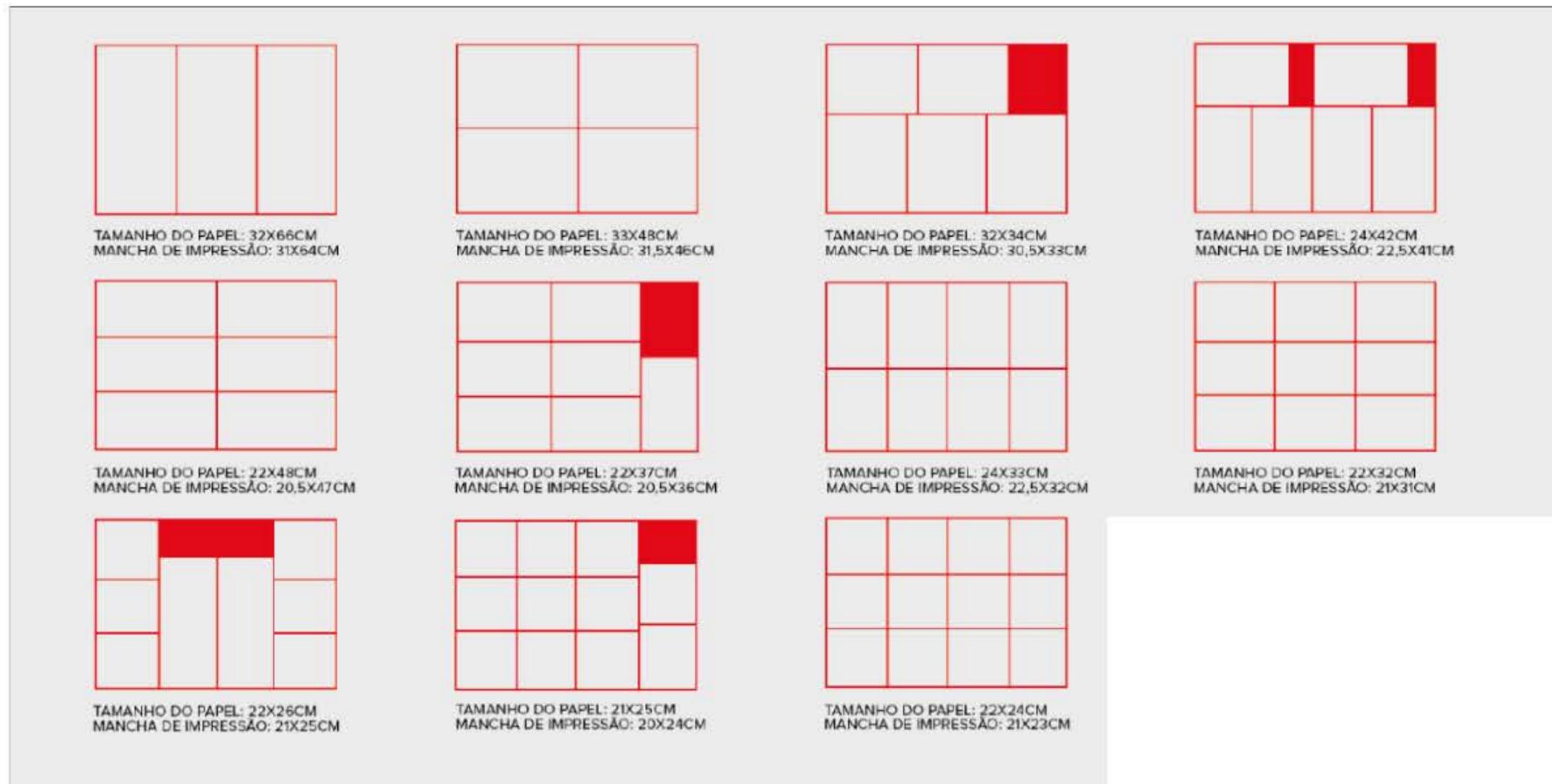
Ilustração principal do capítulo

Projeto Editorial

Organização dos elementos - Imagem e Texto.

O Objeto editorial foi decido como sendo um livro de ilustrações, então fui em busca de um formato de papel.

Abaixa estão as possíveis opções que eu pesquisei.

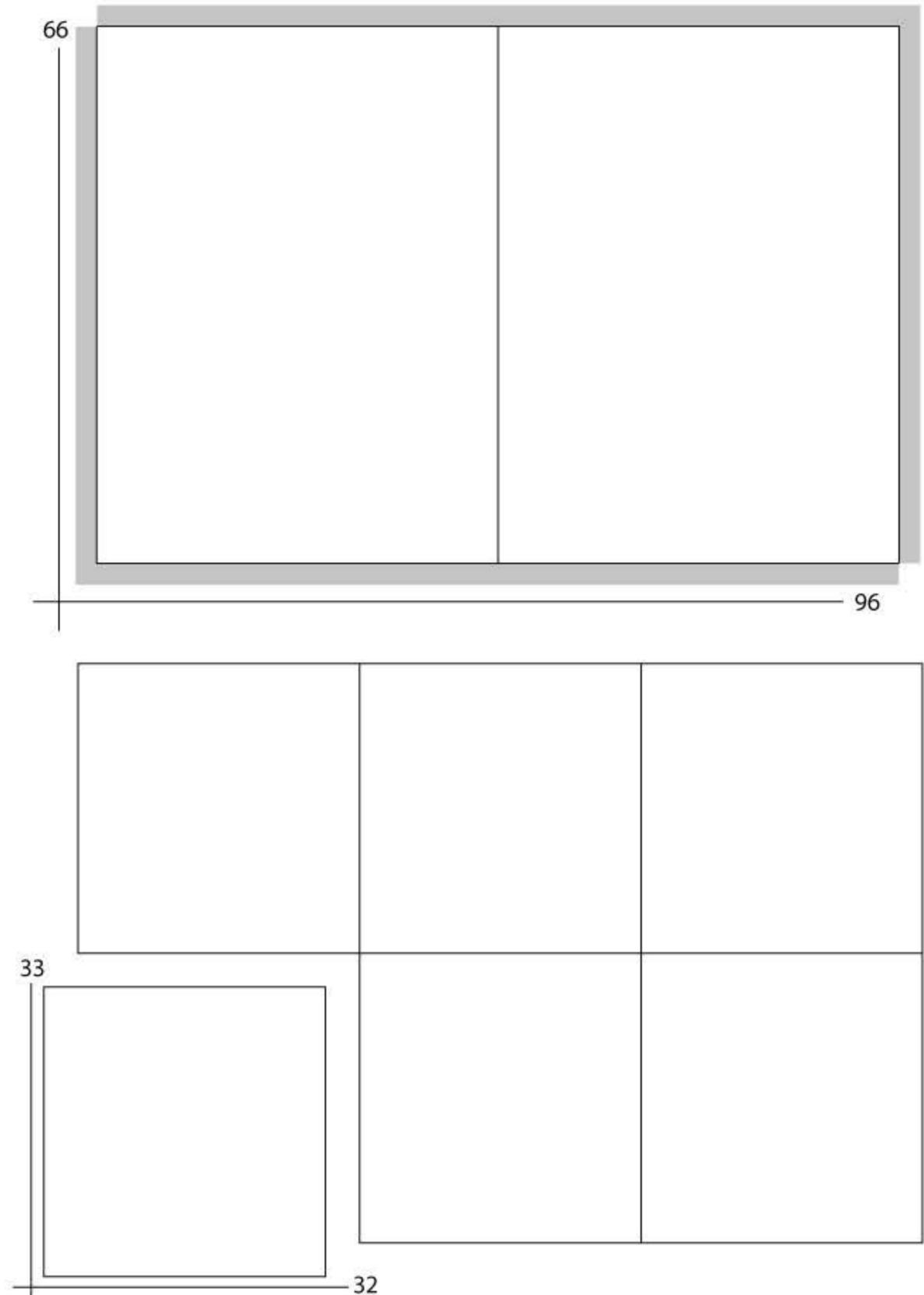


Projeto Editorial

Organização dos elementos - Imagem e Texto.

Por fim, para favorecer as ilustrações e ter mais dinâmica na leitura, decidi fazer com um tamanho maior, mas também não tão largo.

O formato escolhido foi o 33x32cm



Projeto Editorial

Formato e parâmetros do objeto editorial

Exemplo do livreto com as páginas abertas.



Projeto Editorial

Formato e parâmetros do objeto editorial

Exemplo do livreto fechado



Projeto Editorial

Design e diagramação

Para o produto final, eu decidi dar um nome ao livro, não só usar o nome do TCC. Então a ideia era buscar algum nome que tivesse um significado que representasse a ideia central do tema do trabalho. Assim, pesquisei nomes que pudessem representar essa ideia e que fossem na língua das três etnias trabalhadas ao longo do projeto. Assim cheguei em alguns nomes possíveis.

Mebengokre (Kayapó): "Pahri xatare" (literalmente significa "levado embora de nós")

Yawalapiti: "Wari kuxu" (literalmente significa "tirado de nós")

Matis: "Poko yeke" (literalmente significa "retirado de nós")

Projeto Editorial

Design e diagramação

Nisso eu cheguei numa conclusão, e escolhi o nome que mais se encaichou, tanto na forma de se falar, quanto no significado.

Yawalapiti: "Wari kuxu" Tirado de Nós

Esse nome significa tanto para mim, mostra com frieza e sem muitas palavras o que realmente aconteceu com a apropriação cultural sofrida pelos Indígenas de todo o Brasil, Tiramos tudo deles, sua cultura, sua identidade, sua imagem, sua individualidade, sua voz.

Projeto Editorial

Design e diagramação

Aqui eu parti para testes com fontes e cores. Lembrando que todas as fontes usadas para testes são livres para uso público. Todas estão disponíveis no site Google Fonts.



Projeto Editorial

Design e diagramação

Resultado final:

WARI·KUXU

Tirado de nós

Fontes escolhidas
IM FELL English SC
IM FELL English

Projeto Editorial

Design e diagramação

Mais testes: Cores, composição textual e mistura de fontes.



Projeto Editorial

Design e diagramação

Mais testes.



Fontes escolhidas para os textos corridos
Minion Variable Concept

Projeto Editorial

Design e diagramação

Exemplo de como ficou disposta nas imagens finais.



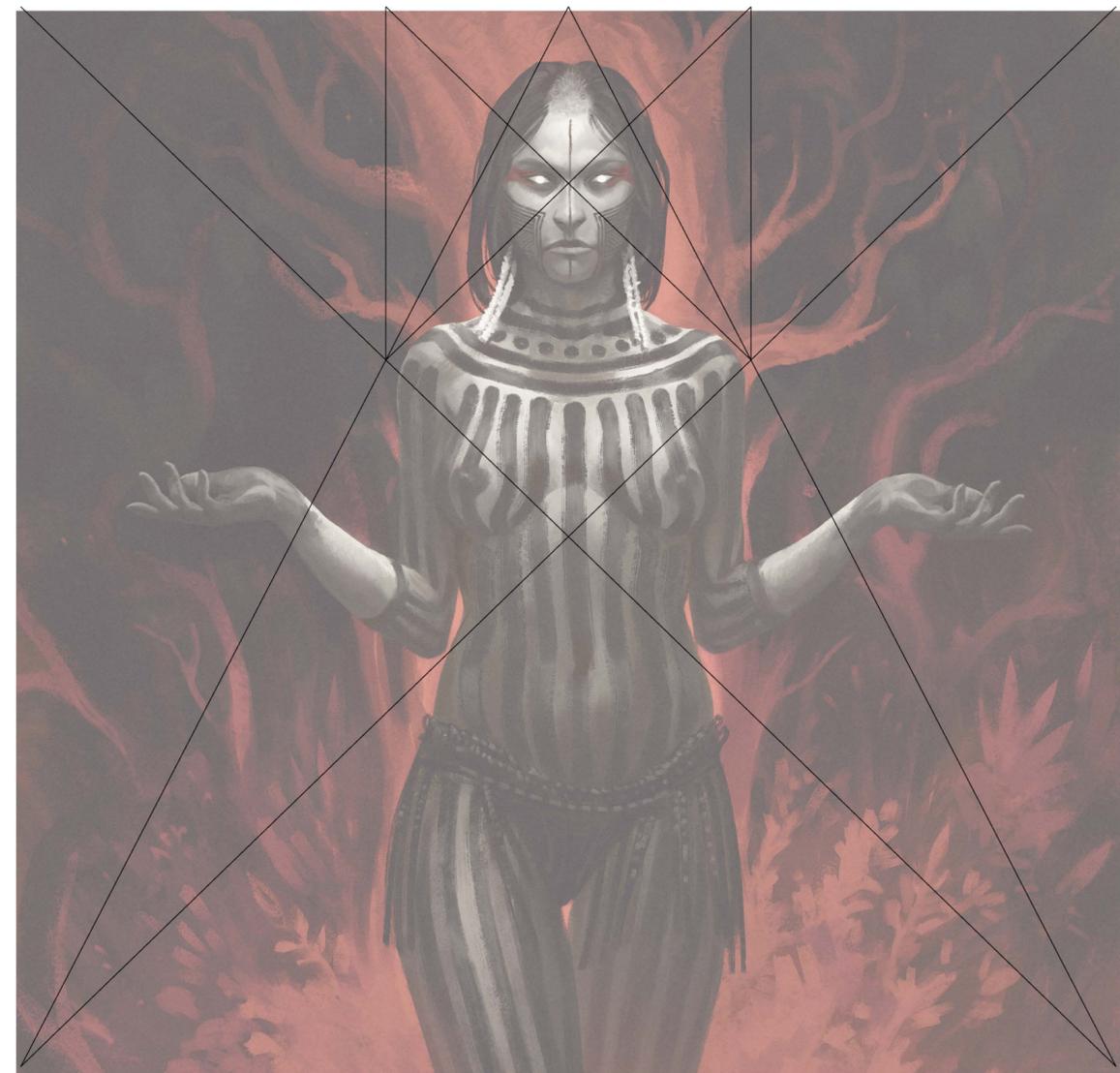
Projeto Editorial

Design e diagramação

Exemplo de como ficou disposta nas imagens finais.



Introdução

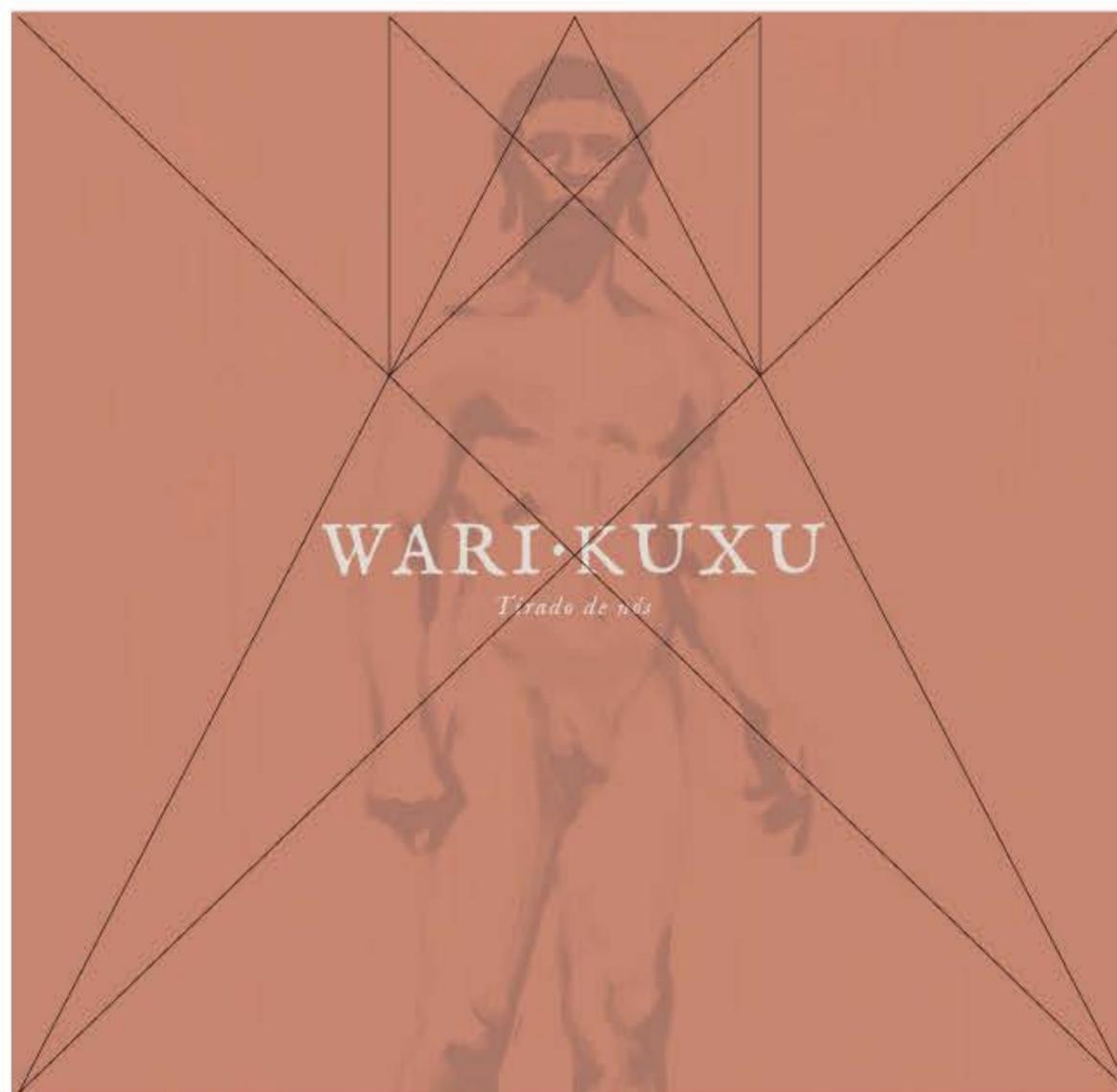


Diagramação e design ilustração de abertura

Projeto Editorial

Design e diagramação

Exemplo de como ficou disposta nas imagens finais.



Diagramação e design ilustração de abertura

Projeto Editorial

Design e diagramação

Exemplo de como ficou disposta nas imagens finais.

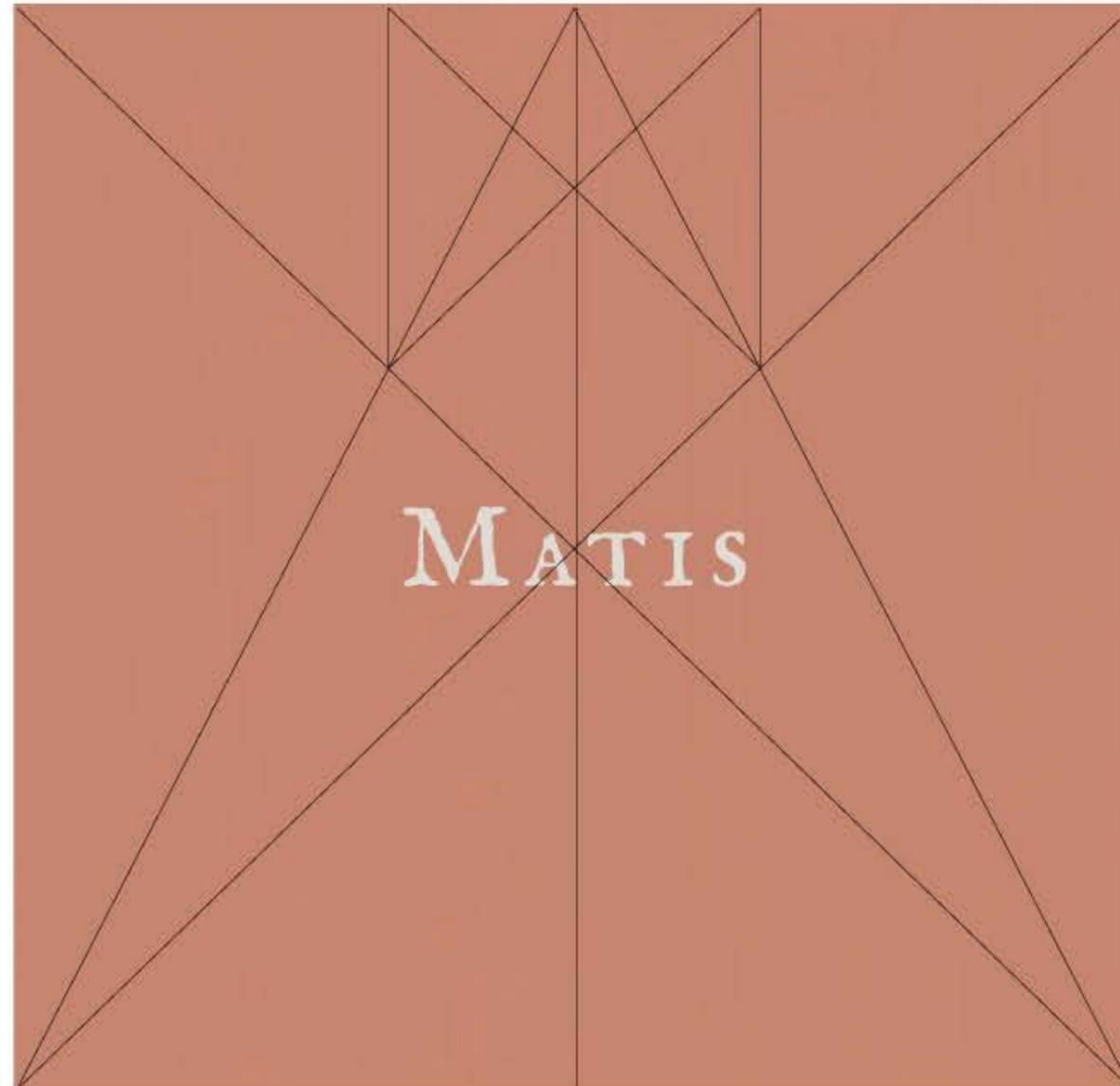


Diagramação, breve observação explicando a cena

Projeto Editorial

Design e diagramação

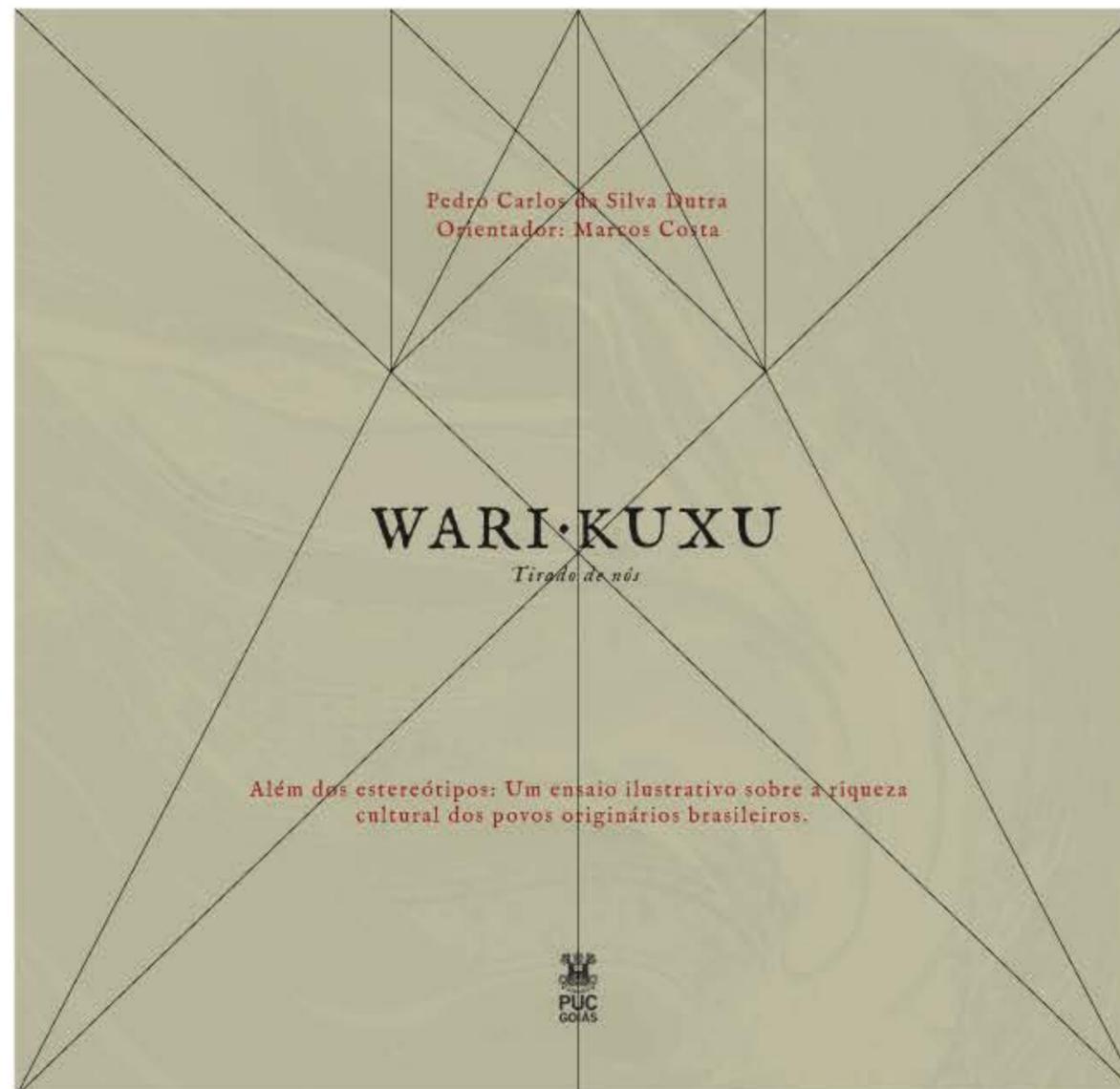
Exemplo de como ficou disposta nas imagens finais.



Projeto Editorial

Design e diagramação

Exemplo de como ficou disposta nas imagens finais.



Projeto Editorial

Design e diagramação



Projeto Editorial

Design e diagramação

Mockups da capa e contra capa do livro.



Projeto Editorial

Design e diagramação

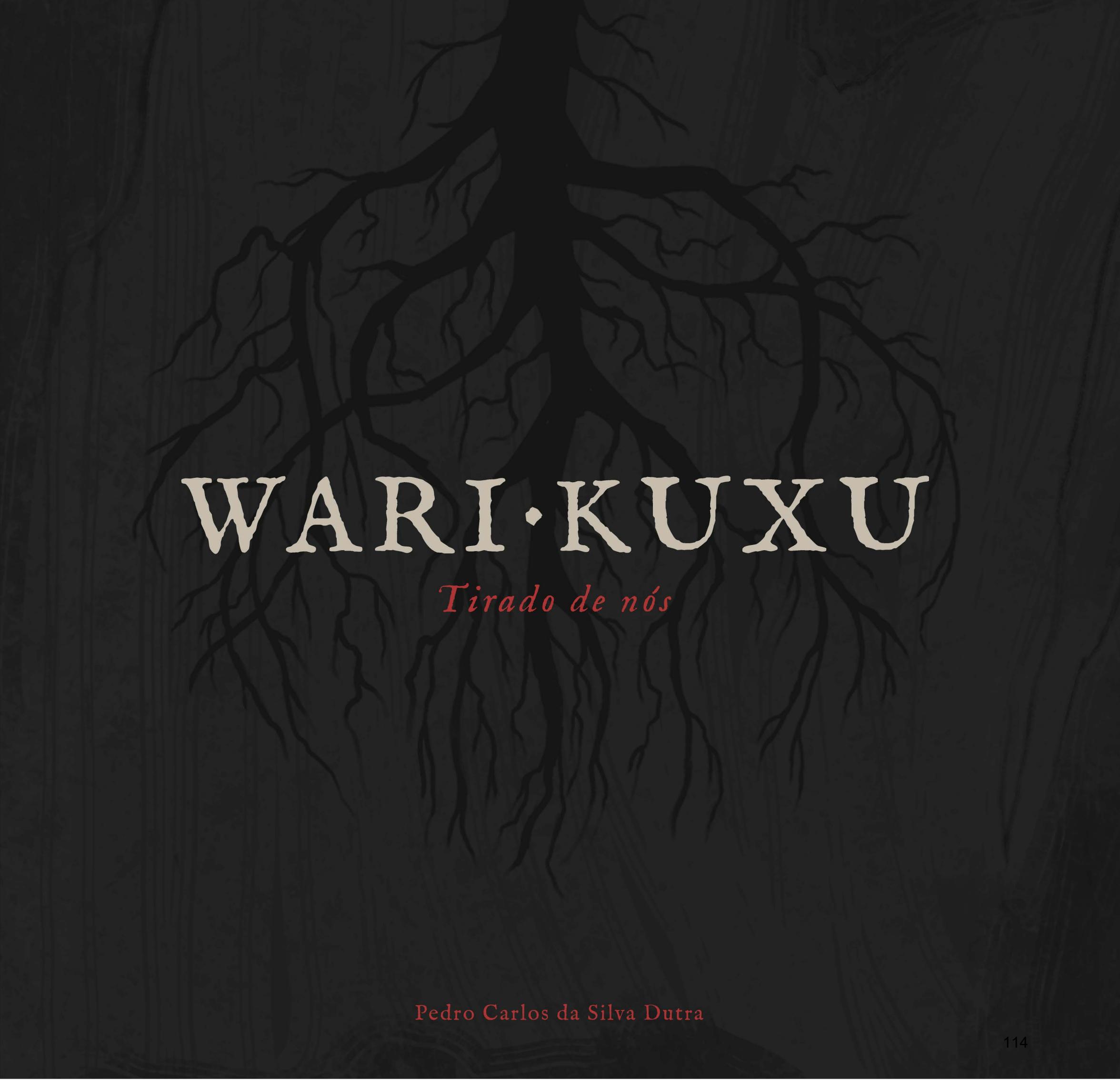
Mockup do interior do Livro.



Projeto Editorial

Design e diagramação

Segue imagens do produto final do livro editorial, um ensaio gráfico dedicado a representar três etnias indígenas distintas, com sua cultura, simbologia e identidades, completamente diferentes uma da outra. Esse projeto é apenas um vislumbre do que pode se tornar, tendo investimento e apoio.



WARI·KUXU

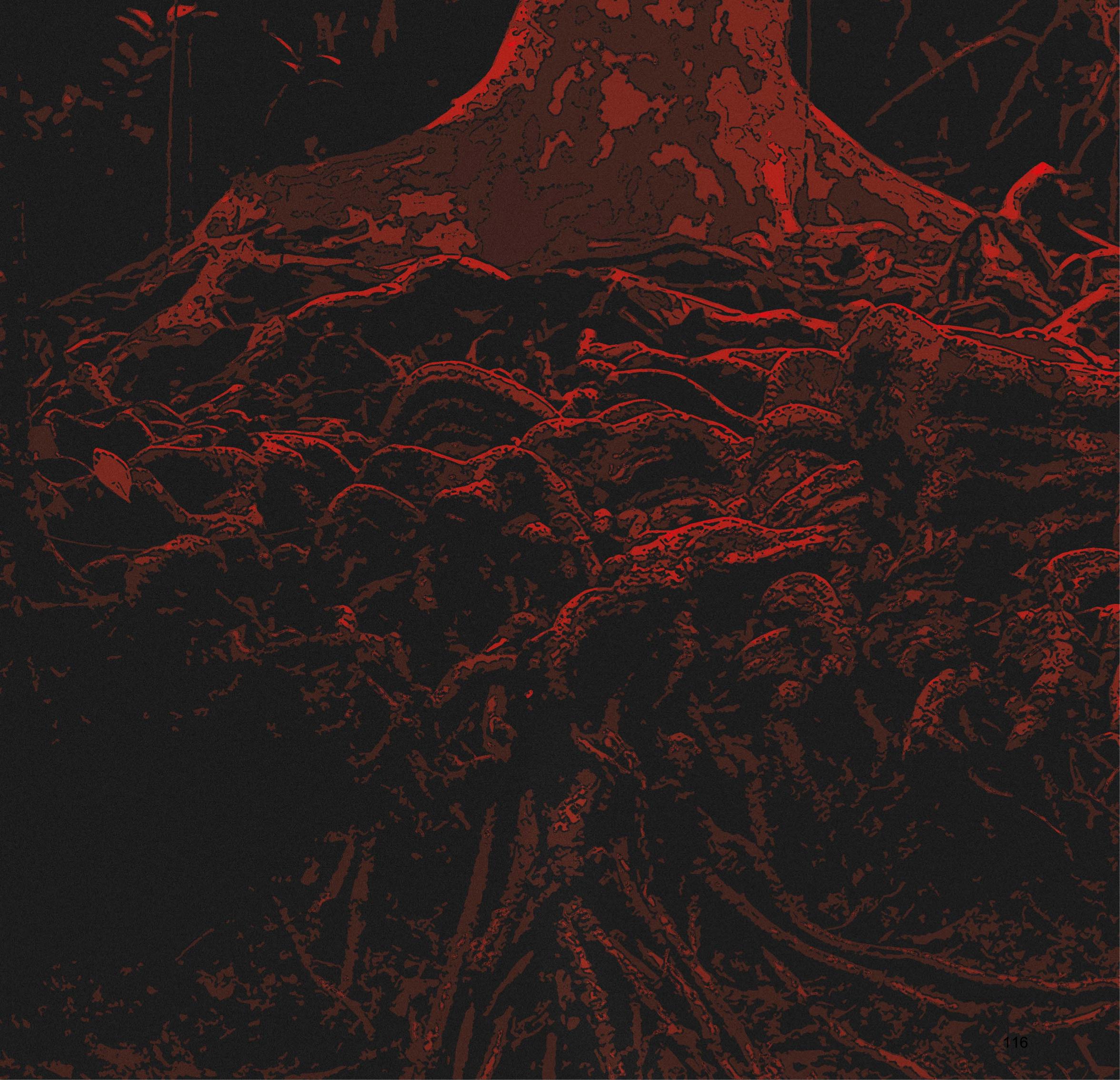
Tirado de nós

Pedro Carlos da Silva Dutra



WARI·KUXU

Tirado de nós



Pedro Carlos da Silva Dutra
Orientador: Marcos Costa

WARI·KUXU

Tirado de nós

Wari Kuxu: Um Ensaio Ilustrativo da Diversidade Cultural
dos Povos Originários Brasileiros Além dos Estereótipos





Índice

Capítulo 1: Matis

Figura 1 _____ 10

Figura 2 _____ 11

Capítulo 2: Mebengokrê

Figura 1 _____ 16

Figura 2 _____ 17

Capítulo 3: Yawalapiti

Figura 1 _____ 22

Figura 2 _____ 23

Capítulo 4: Artistas convidados

Guilherme Motta _____ 30

Marcos Costa _____ 32

nathan Mohamed _____ 34

Renan Boé _____ 36

Mari Morgan _____ 38

Agradecimentos _____ 42



MATIS

MATIS

O CAÇADOR E A PRESA

Os Matis são um povo indígena que vive na região do Vale do Javari, no estado do Amazonas, Brasil. Eles têm origem na família linguística Pano e se autodenominam Matsés. A língua Matsés é amplamente falada entre eles. A população dos Matis é de aproximadamente 3.000 pessoas, e eles têm uma forte conexão com as terras e florestas que habitam, mantendo um estilo de vida tradicionalmente ligado à caça, pesca e coleta.

Os Matis possuem uma conexão especial com a onça, que é considerada uma figura de grande importância cultural para o grupo. Essa relação é expressa através dos adereços corporais que utilizam, como colares, pulseiras e cocares, muitas vezes decorados com representações simbólicas da onça. Esses adereços têm um significado profundo, representando não apenas a beleza estética, mas também a força e a proteção que os Matis acreditam receber da onça.



Grupo de Indígenas Matis caçando. Os Matis são conhecidos por suas técnicas de caça.





MEBÊNGOKRÊS

MEBÊNGOKRÊ

A TINTA QUE REVESTE O CORPO

Os Mebengokres são um grupo indígena que reside na região do Baixo Xingu, no estado do Mato Grosso, Brasil. Eles fazem parte da etnia Kayapó e se autodenominam Mebengokre. Sua língua nativa, também conhecida como Mebengokre, pertence à família linguística Jê. A população dos Mebengokres varia, e estima-se que existam cerca de 4.000 indivíduos pertencentes a essa etnia.

Estes indígenas têm uma rica tradição de pintura corporal, utilizando tintas naturais extraídas de plantas e frutos da região. A pintura corporal é uma prática cultural significativa para os Mebengokres, sendo utilizada em rituais, cerimônias e festividades, e representa um importante meio de expressão artística e identidade cultural para o grupo.



Índigena Mebêngokrê pintando sua filha com tinta de
Jenipapo verde, para o seu ritual de passagem.



YAWALAPITIS

YAWALAPITI

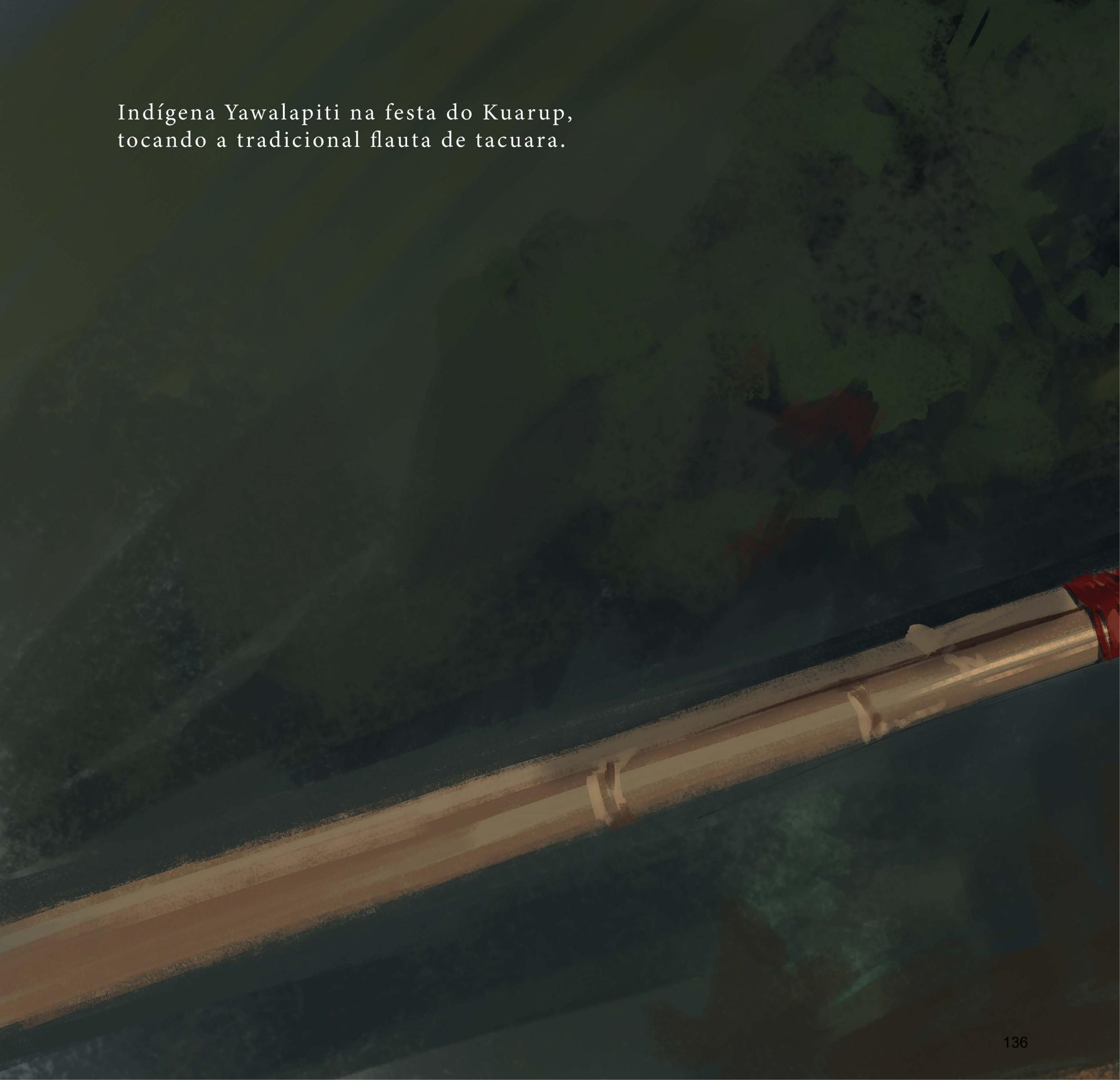
A MARCA DA SERPENTE

Os Yawalapitis são uma comunidade indígena localizada na região do Alto Xingu, no estado do Mato Grosso, Brasil. Eles pertencem ao grupo linguístico Aruak e se autodenominam Yawalapiti. A língua Yawalapiti, que faz parte do tronco linguístico Aruak, é falada pelo grupo. A população dos Yawalapitis é de aproximadamente 250 pessoas. Sua cultura é rica em rituais e tradições, e eles têm um profundo vínculo com a natureza e os rios da região.

Os Yawalapitis celebram o ritual do Kuarup, uma importante cerimônia que honra os mortos. O Kuarup é realizado anualmente e envolve cantos, danças, pinturas corporais elaboradas e construção de grandes estruturas de madeira que representam os espíritos dos ancestrais. É um momento de conexão espiritual, renovação cultural e celebração coletiva para os Yawalapitis.



Indígena Yawalapiti na festa do Kuarup,
tocando a tradicional flauta de tacuara.





WARI·KUXU

Tirado de nós





Artistas convidados e
menções honrosas

GUILHERME MOTTA



MARCOS COSTA



Marcos Costa de Freitas, todos os direitos reservados na Lei 9.610

NATHAN MOHAMED



RENAN BOÉ



MARI MORGAN







WARI·KUXU

Tirado de nós

AGRADECIMENTOS

Este projeto é tanto uma realização acadêmica quanto pessoal e profissional para mim. Desde muito jovem, quando eu consumia muitos quadrinhos, super-heróis e desenhos animados, sempre senti falta de ver algo sobre nossa cultura nativa, nosso folclore e mitos. Essa vontade sempre esteve presente, mesmo que sutilmente, e eu sempre soube que faltava algo visual que representasse a cultura dos nativos brasileiros. Portanto, essa oportunidade de um projeto acadêmico foi perfeita para que eu pudesse trazer um pouco do que sempre quis: representar nossos nativos de forma visual! Além disso, tive a sorte de ser orientado pelo mestre Marcos Costa, que abraçou o projeto e me ensinou muito sobre a diversidade e a riqueza escondida da cultura dos povos originários. Agradeço de coração por cada momento de orientação dedicado a dar vida a este trabalho. Também quero expressar minha gratidão a cada artista que participou e permitiu compartilhar sua arte nesse projeto. Espero que o conteúdo desta pequena amostra possa despertar uma pequena faísca de curiosidade para aqueles que folhearem estas páginas. Como um artista brasileiro que fez esse pequeno gesto, agradeço a todos pelo apoio!

Pedro Carlos.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou a representação icnográfica dos povos indígenas brasileiros, tendo como objetivo principal promover a valorização e o conhecimento dessas culturas, rompendo com estereótipos e preconceitos. Através de ensaios estéticos visuais, buscou-se desenvolver uma abordagem autêntica e inclusiva, envolvendo a criação de ilustrações e a produção de um material editorial direcionado ao público jovem.

A importância da representação visual na formação de opinião e na construção de identidades coletivas foi destacada ao longo deste trabalho. As imagens exercem um papel significativo na moldagem da percepção do mundo, podendo tanto reforçar ideias estabelecidas quanto desafiar paradigmas vigentes. No contexto dos povos indígenas, a representação visual desempenha um papel ainda mais crucial, uma vez que essas culturas têm sido historicamente estigmatizadas e invisibilizadas.

Nesse sentido, a pesquisa buscou uma alternativa que traga uma possibilidade de romper com os estereótipos preconceituosos associados aos povos indígenas, apresentando uma representação autêntica e respeitosa de suas práticas, tradições e símbolos. Através de ilustrações realistas e contextualmente relevantes, foi possível demonstrar a riqueza e a diversidade cultural desses povos, desconstruindo narrativas simplificadas e exotizadas.

A abordagem metodológica adotada foi fundamentada na pesquisa científica, utilizando um método indutivo para coletar dados e analisar referências confiáveis. A pesquisa bibliográfica e documental desempenhou um papel essencial na obtenção de informações precisas sobre os povos indígenas, evitando interpretações pessoais e garantindo uma representação fundamentada.

Além disso, a incorporação do *Design Thinking* permitiu uma exploração criativa e colaborativa dos desafios propostos. A imersão no contexto educacional e na cultura indígena possibilitou identificar as necessidades e interesses do público-alvo, resultando em conceitos e soluções inovadoras para a produção do material editorial.

É importante ressaltar que a representação visual dos povos indígenas não deve ser realizada de forma irresponsável ou apropriativa. A pesquisa buscou evitar a reprodução de estereótipos negativos.

Nisso, conclui-se que toda a trajetória até aqui trouxe uma reflexão sobre como a construção de uma imagem pode afetar toda uma cosmovisão cultural em relação a diferentes etnias. Logo, um estereótipo não se desconstrói em um simples discurso ou uma comprovação histórica, mas sim criando novas formas de enxergar e se relacionar com diferentes pontos de vista, crenças, culturas, costumes, etc. A criação desse projeto é um vislumbre de algo que pode se tornar relevante, algo que traga aos novos olhares das gerações futuras uma visão renovada a respeito daquilo que pouco foi explorado e, o mais importante, não respeitado da maneira certa. Este trabalho se finaliza como um pequeno gesto para o futuro do aprendizado e conhecimento do vasto histórico das centenas de culturas nativas do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ALLOA, Emmanuel. **Levantes: uma paixão latino-americana**. Fênix — Revista de História e Estudos Culturais Julho–Dezembro de 2020 Vol.17 Ano XVII no 2 ISSN: 1807–6971
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro, 2011.
- BEPTOY; BAKA. **Amyu, the army of wasp-men | SLICE I Full documentary**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zog_zya3NvE>. Acesso em março de 2023.
- COESSENS, Kathleen. **A arte da pesquisa em artes**. ARJ, Brasil | Vol. 1/2 p. 1-20, dez. 2014.
- DJÊ, Menire. **Pintura corporal mebengokre-kayapo**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HROuFHSePfM>>. Acesso em março de 2023.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. **Por que valorizar patrimônios culturais indígenas?** In “Povos indígenas e patrimônio cultural imaterial” (Iepé, São Paulo, 2006).
- ISA. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em agosto de 2022.
- LESSA, Agla Mendes de M. **Imagens e olhares: Povos indígenas e a construção/reforço de estereótipos através de imagens dos séculos XVI-XVII e XIX-XX utilizadas como complementos em conteúdos na sala de aula**. 2016. **Dissertação de Mestrado**, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia].
- LUPTON, Ellen. **Intuição, Ação, Criação. Graphic Design Thinking**. Editora Gustavo Gili.
- NASCIMENTO, Hilton. **Povos Indígenas no Brasil/Povo Matis**. Disponível em. <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Matis>>. Acesso em março de 2023.
- NUNES, Marcelo. **A Carta de Pero Vaz de Caminha (1500)**. Literatura Informativa. Quinhentismo. Prof. Marcelo Nunes. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LFOuRQdUq2R0>>. Acesso em março de 2023.
- RIOS DE JESUS, Zeneide. **Povos indígenas e história do Brasil: invisibilidade, silenciamento, violência e preconceito**, in Anais do XXVI Simpósio Nacional de História — ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- SARMENTO, Rê. **Além da Lente Fotografia. 2023**. Disponível em <<https://www.flickr.com/photos/resarmento/7106153087/in/photostream/>>. Acesso em março de 2023.
- SEVERINO, António Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. Ed. Cortez, São Paulo: 2007.
- WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural**. Editora Jandaíra, 2019.

TRONCARELLI, Maria Cristina; CASTRO, Eduardo Viveiros. **Povos Indígenas no Brasil/Povo Yawalapiti**. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yawalapiti>>. Acesso em março de 2023.

VERSWIJVER, Gustaaf; GORDON, Cesar. **Povos Indígenas no Brasil/Povo Mebêngôkre (Kayapó)**. Disponível em <[https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%Aang%C3%B4kre_\(Kayap%C3%B3\)](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Meb%C3%Aang%C3%B4kre_(Kayap%C3%B3))>. Acesso em março de 2023.



ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 16/06/2023, às 8:30 horas, o (a) estudante PEDRO CARLOS DA SILVA DUTRA, do curso de DESIGN da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, expôs, em Sessão Pública de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso, o trabalho intitulado ALÉM DOS ESTEREÓTIPOS: UM ENSAIO ILUSTRATIVO SOBRE A RIQUEZA CULTURAL DOS POVOS ORIGINÁRIOS BRASILEIROS para a Banca de Avaliação composta pelos (as) docentes:

LORENA DALLARA

MAURÍCIO AZEREDO

MARCOZ COSTA DE FREITAS

O trabalho da Banca de Avaliação foi conduzido pelo (a) docente Presidente que, inicialmente, após apresentar os docentes integrantes da Comissão, concedeu _____ minutos ao (a) estudante (a) para que este (a) expusesse o trabalho. Após a exposição, o (a) docente Presidente concedeu a palavra a cada membro convidado da Comissão para que estes arguissem o (a) estudante. Após o encerramento das arguições, a Banca de Avaliação, reunida isoladamente, avaliou o trabalho desenvolvido e o desempenho do (a) estudante na exposição, considerada a trajetória deste (a) no desenvolvimento do TCC. Como resultado da avaliação, a Banca de Avaliação deliberou pela:

Aprovação.

Aprovação, condicionado às correções recomendadas pelos membros da banca. A Banca de Avaliação conclui que o(a) estudante está **APROVADO(A)** condicionado às correções de forma e/ou conteúdo recomendados. As correções deverão ser indicadas no formulário de Avaliação Final de Trabalho de Conclusão de Curso. O(A) estudante terá o prazo de _____ dias para os ajustes e entrega da versão final ao professor (a) orientador (a), contado a partir da data da sessão de apresentação pública do TCC.

Reprovação, conclui que o trabalho apresentado não satisfaz as condições mínimas e o(a) estudante está **REPROVADO(A)**.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DA APRESENTAÇÃO DO TCC	Av1	Av2	Av3
(Av1: Presidente da Banca Avaliadora, Av2 e Av3: Membros Convidados da banca avaliadora)			
SOBRE O TRABALHO ESCRITO			
Sub-total (6,0)	4.0	4.0	4.0
SOBRE APRESENTAÇÃO ORAL			
Sub-total (2,0)	2.0	2.0	2.0
SOBRE SUSTENTAÇÃO ARGUIÇÃO PELA BANCA			
Sub-total (2,0)	2.0	2.0	2.0
Nota final da Banca			
Nota do Av1	8.0		
Nota do Av2	8.0		
Nota do Av3	8.0		
Média das notas dos membros da banca examinadora	8.0		

Correções recomendadas:

- REVISAR incidências das palavras "ÍNDIOS" e "Tribo";
- MEMBREOPRÊ BAIXO XINGU - CORREÇÃO; SUGESTÃO DE TÍTULO;
- CITAÇÕES FORA DE PADRÃO; TRECHOS REPETITIVOS; FORMATAÇÃO DE PALAVRAS ESTRANGEIRA; REFERÊNCIA DO RESUMADO; REVISAR legenda da visita TÉCNICA IGPA; NÃO TEM consideração finais, MAURÍCIO: Nomes indígenas entalhados no idioma português;

Nome (por extenso) e assinatura do Membro Presidente da Banca Avaliadora (Av1):

MARCOS COSTA DE FREITAS
Nome do Membro Presidente

Assinatura Membro Presidente

Nome (por extenso) e assinatura do Membro Convidado da Banca Avaliadora (Av2):

LORENA DALLARD
Nome do Membro Convidado

Assinatura do Membro Convidado

Nome (por extenso) e assinatura do Membro Convidado da Banca Avaliadora (Av3):

MAURÍCIO AZEREDO
Nome do Membro Convidado

Assinatura do Membro Convidado